

faguinha

Verão/Outono de 2019 – Ano IV – N°5

valor
r\$5
sugerido

**FODA-SEA
DEMOCRACIA!**

*Não existe governo revolucionário
Organizar a morte do Estado e do Capital
Da discordância ao ódio
Uma prática para a coesão
Nada a esconder, nada a temer
Por que um feminismo negro?
Homens abusivos
Pedagogia libertária
Encontrando o Amor Revolucionário*





Julho de 1981: dois funcionários da Itaipu Binacional apertam as mãos enquanto uma casa de madeira arde em chamas altas atrás deles. Outra imagem mostra os servidores perto de uma caminhonete com a logomarca da Itaipu na porta. Um deles está escorado no veículo e olha para a câmera, como se estivesse posando. Mais uma vez, uma construção envolta em fumaça aparece ao fundo. Inéditas, as fotos revelam uma faceta praticamente desconhecida da construção da hidrelétrica: funcionários colocavam fogo em ocas de índios guarani que viviam na região de Foz do Iguaçu, no Paraná, para expulsá-los do local.



Quer ajudar a distribuir fagulha ou quer sugerir pontos de distribuição? Discordou de alguma opinião veiculada na revista? Tem um texto que quer publicar? Escreva para nós em fagulha@riseup.net ou entre em contato através das redes sociais!

We: we.riseup.net/fagulha/

Mastodon: todon.nl/@fagulha

Diaspora*: fagulha@diasporabr.com.br

Precisamos do seu apoio!

Como vivemos em um mundo capitalista, além do nosso trabalho voluntário, Fagulha tem despesas financeiras. E para isso precisamos de seu apoio! Quer ajudar? Saiba como em nosso site:

www.fagulha.org/apoie-fagulha



ATENÇÃO! Não leia nada que está escrito nestas páginas sem questionar! Nenhuma pessoa é detentora da verdade. Acreditamos que pontos de vista são verdades em si, e que eles jamais devem ser impostos sobre as outras pessoas como únicos e exclusivos. Cometeremos equívocos, pois eles são inevitáveis e necessários para evoluir, por isso esperamos que Fagulha seja feita de diálogos, nunca de um monólogo. Se você discorda do que dizemos, ou acha que veiculamos visões incompletas, escreva e dê a sua opinião.

Para falar conosco escreva para:
fagulha@riseup.net

Todos os textos, e mais, estão disponíveis em nosso site:
www.fagulha.org

Todo conteúdo desta edição de Fagulha foi criado ou plagiado por: Molho de Tomate, Graxaim-do-Mato, Enxurrada, Matalonga e Cachorro Voador. Com exceção do que está indicado com nomes de outras pessoas, é claro.



Todos textos de Fagulha podem e devem ser copiados. Impor regras e restringir a circulação de informações é sabotar a evolução e libertação das pessoas e dos povos.

Recriar o imaginário da resistência!



Um desânimo geral se abateu sobre todas nós no último ano. Muitas de nós estão com medo, se sentindo desempoderadas, sem saber o que fazer. Mas na prática, pouca coisa mudou. O Estado continua sendo um leviatã ineficiente e por mais recursos que tenha a seu dispor, não consegue monitorar e controlar todo mundo, a todo momento¹. Temos que aproveitar as brechas e usá-las para nosso proveito, levando a cabo não apenas ações que desafiem o Estado, mas que inspirem outras pessoas a fazer o mesmo. Afinal, são nossas ações que definem o que é ou não é possível. Pequenos atos, que rompem nossa rotina de medo, como lambes, pixações e outras formas divertidas de reinventar o espaço público³ (ou privado), vão contribuir para o imaginário de outras pessoas sobre o que é possível e elas por sua vez podem cometer seus próprios gestos de desafio ao Estado.

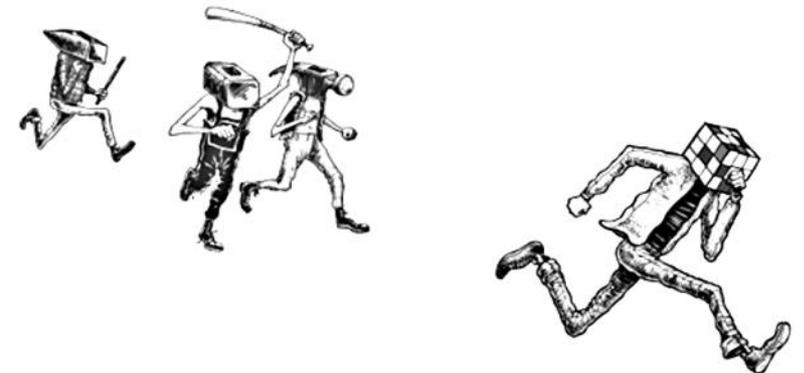
A maior ameaça neste momento é a falta de esperança.

Não há nada que nos impeça de fazer um cartaz e espalhar pela cidade, de pendurar uma faixa, de organizar uma festa de rua contra o capital, de prestar solidariedade a imigrantes ou ao povo em situação de rua, de pixar um muro, de montar uma banquinha de zines, de puxar um festival ou feira. Se começarmos fazendo aquilo que não é tão difícil de ser feito, em breve estaremos fazendo coisas que nem imaginávamos serem possíveis. Um pouco como o que aconteceu nos cinco anos que antecederam 2013, mas dessa vez sem fazer reivindicações ao Estado, pois já vimos aonde isso leva!

1. Longe disso. Sua principal arma é o medo, que pode nos levar à paranoia e nos imobilizar. Um grande exemplo disso foi a Operação Érebo, que investigou anarquistas por supostamente terem incendiado viaturas de polícia, sedes de partidos políticos e bancos, que gerou grande comoção na mídia, mas que não deu em nada. No fim das contas alguém causou um prejuízo grande à força policial e se safou². O que o Estado ganhou com a Operação Érebo foi o cancelamento da 8ª Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre e desarticulação de vários grupos e coletivos anarquistas, que acharam que poderiam ser alvo de uma caça às bruxas.
2. Mas atenção! A incompetência do Estado não nos dá liberdade para sermos desleixadas com segurança pessoal e coletiva, pois sabemos muito bem que, quando quer dar o exemplo, o sistema judiciário pode condenar seus inimigos políticos sem qualquer tipo de prova (como no caso do Lula) ou até mesmo pessoas inocentes (como Amarildo, Rafael Braga, etc., etc., etc.). Então não dê bobeira!
3. Pra uma lista interminável de ideias, vale sempre o clássico manual do coletivo CrimethInc., *Receitas Para o Desastre*, disponível para download em: <https://crimepensar.noblogs.org/post/2017/03/18/receitas-para-o-desastre-um-livro-de-receitas-anarquista/>

Índice

Foda-se a democracia!	07
Não existe governo revolucionário	09
Organizar a morte do Estado e do capital, não de pessoas	13
Da discordância ao ódio	19
Uma prática para a coesão	23
Uma taxonomia da ação	28
Nada a esconder, nada a temer	31
Por que um feminismo negro	36
Homens abusivos que usam do feminismo para conseguirem imunidade	38
Pedagogia libertária, uma prática autogestionária	40
Encontrando o amor revolucionário	42
Casos isolados	46
Livros & Filmes	48
Histórias de Resistência – A Revolta dos Cabanos	49



ATÉ BEM
POUCO
TEMPO ATRÁS,
PODÉRIAMOS
MUDAR O
MUNDO.

QUEM ROUBOU
NOSSA CORAGEM?

Então você se preocupa com o futuro da democracia agora que Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil? Foi às ruas em defesa da democracia? Tem medo do que um homem que já declarou seu desprezo pelo valores democráticos pode fazer quando estiver no poder? Está com medo que o governo brasileiro se transforme numa ditadura? Você teme pela sua liberdade?

O que você quer quando pede por democracia?



FODA-SE

A DEMOCRACIA

por Graxaim-do-Mato

Talvez seja o momento de você se dar conta de que democracia não é o oposto de ditadura, ou de fascismo. Bem pelo contrário, para milhões de pessoas ao redor do mundo, incluindo migrantes, povos indígenas, minorias étnicas ou outras pessoas que buscam sua liberdade (como os zapatistas no México ou o povo de Rojava no Curdistão) a democracia pode ser mais tirânica do que foi a ditadura militar no Brasil para a maioria das pessoas de classe média. O oposto de fascismo não é democracia, o oposto de fascismo é liberdade, e a democracia pode inclusive ser uma barreira a ela.

Democracia nunca foi sinônimo de decisões tomadas coletivamente, de respeito às liberdades individuais, e aos “direitos humanos”. Na melhor das hipóteses respeitou os direitos que ela mesma criou para aqueles considerados dignos (no masculino pois ao longo da história são majoritariamente homens mesmo), considerados aptos para receber o rótulo de cidadão. Tem sido assim desde que foi concebida na antiga Atenas, onde só votavam os homens adultos, com treinamento militar e sangue ateniense. Mulheres, escravos, estrangeiros, jovens, ou seja, a maioria da população, não tinha voz na assembleia.

Nos últimos séculos, a situação pode até ter se tornado um pouco mais inclusiva, dando direito de voto às mulheres, por exemplo. Mas a concepção de

cidadania se manteve até os dias de hoje, fazendo com que aquelas pessoas que não tem o papel correto não possam participar das eleições ou conseguir empregos com os mesmos direitos¹. Embora a democracia tenha estendido o direito à participação política às mulheres, ainda existem bilhões de pessoas que não têm direito a participar das decisões políticas que os afetam. Por exemplo, centenas de milhões de pessoas, que vivem em países da África e Oriente Médio que são afetados pelas políticas das democracias europeias, não só não possuem o direito de influenciar essas decisões como seu ingresso no território europeu é vetado cada vez mais veementemente ao ponto de morrerem tentando chegar lá.

Mas, tudo bem, vamos imaginar como seria se a

1. Mas nem por isso sua mão de obra é desprezada, basta olhar os milhares de imigrantes ilegais em empregos que ninguém mais aceitaria, sem qualquer tipo de garantias ou direitos. São assim os imigrantes bolivianos costurando roupas em São Paulo, os paquistaneses construindo Dubai, os mexicanos limpando casas na Califórnia.



Bolsonaro foi eleito democraticamente.

democracia funcionasse perfeitamente, uma democracia direta (uhu!) onde todas as pessoas pudessem participar diretamente das decisões que as afetam, sem o intermédio de representantes. Seria ótimo, não? Na verdade seria uma ditadura da maioria onde grupos ou indivíduos incapazes de angariar simpatia e apoio teriam sempre que obedecer às decisões da maioria. A polícia continuaria sendo essencial para impor as decisões da maioria sobre uma minoria insatisfeita.

Você aceitaria a criminalização de relacionamentos homossexuais se a decisão fosse tomada democraticamente?

No fim das contas, isso ainda não seria muito diferente do que aconteceu agora, não é mesmo? Afinal, Bolsonaro foi eleito democraticamente. Se a maioria das pessoas que foram votar decidiu que quer ser governada por um homem autoritário, fascista, racista, misógino e homofóbico, é direito delas, não é? E se rolasse um plebiscito sobre a criminalização das relações homossexuais? Você acataria o resultado independente de qual fosse, apenas por ter sido decidido através de

um processo democrático? Você ainda estaria reclamando se Haddad tivesse vencido as eleições? Ou só está descontente porque não foi a sua opção que venceu a disputa?

Todo governo é isso: a imposição das vontades de umas pessoas sobre outras. Numa monarquia é o rei e a nobreza que impõem sua vontade sobre toda a população, na ditadura militar foram os militares e seus aliados, numa teocracia, são os líderes religiosos. A única diferença é que numa democracia o número de pessoas ditando o que se pode e não se pode fazer é maior, podendo ser a maioria da população que impõe suas vontades sobre a minoria. É claro que não estamos dizendo que é assim que as democracias funcionam hoje em dia. Na verdade a população não têm todo esse poder e as eleições são apenas uma válvula de escape para dar ao povo a impressão de que ele está no controle, quando quem realmente controla o jogo são as elites e o poder financeiro. Mas o que importa é que quando lutamos para salvar a democracia, ou quando pedimos mais democracia, estamos apenas pedindo que as regras sejam impostas por um número maior de pessoas. Se o nosso objetivo é a liberdade, não deveríamos estar lutando para que ninguém mais imponha nada sobre ninguém?



NÃO EXISTE GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

Por que você não pode usar o Estado para abolir as classes

por CrimethInc.

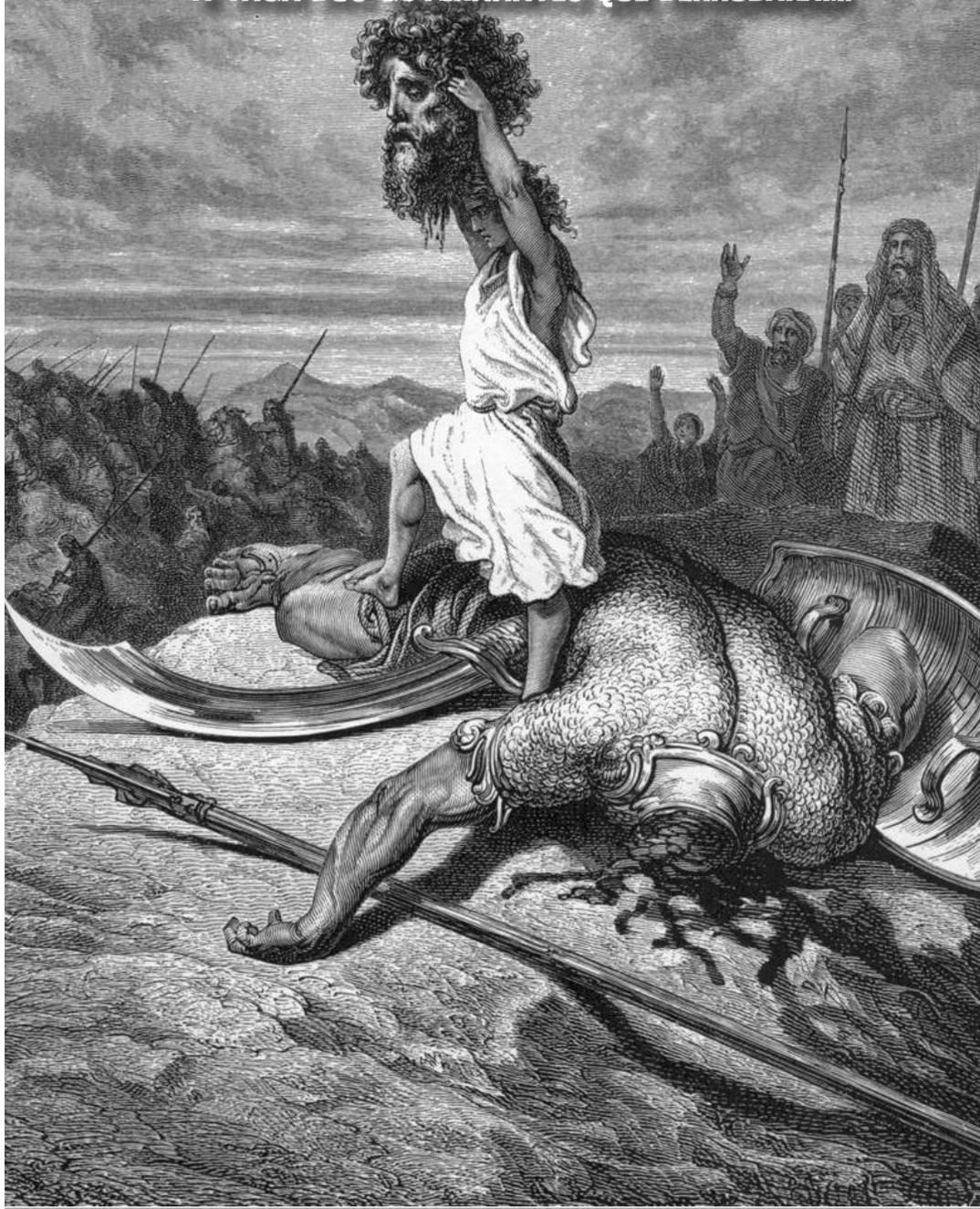
Desde a metade do século 19, anarquistas afirmam que a chave para a libertação não é apoderar-se do Estado, mas aboli-lo. Mesmo assim, de Paris a São Petersburgo, de Barcelona a Beijing, geração após geração de revolucionárias teve que aprender essa lição da maneira mais difícil. Tirar e pôr governantes no poder muda muito pouco. O que importa são os instrumentos de *governo* – a polícia, as forças armadas, os tribunais, o sistema prisional, a burocracia. Não importa se é um rei, um ditador ou um congresso que dirige esses instrumentos, a experiência para quem é oprimido continua sendo basicamente a mesma.

Isso explica porque o resultado da revolução de 2011-2013 no Egito lembra o resultado da Revolução Russa de 1917-1921, que por sua vez lembra o resultado da Revolução Francesa de 1848-1851. Em cada um desses casos, assim que as pessoas que fizeram a revolução pararam de tentar fazer a transformação social diretamente e optaram em investir sua esperança em representantes políticas, o poder se consolidou nas mãos de uma nova autocracia. Quer os novos tiranos sejam militares, aristocratas ou trabalhadores, quer eles tenham prometido restaurar a ordem ou personificar o poder do proletariado, o resultado final foi basicamente o mesmo.

O governo em si é uma relação de classes. Não há como abolir uma sociedade de classes sem abolir a assimetria entre *governante* e *pessoas governadas*. A economia é apenas uma das muitas esferas nas quais os diferenciais de poder codificados são impostos através de construções sociais; a política é outra. A propriedade privada de capital é para a economia o que o poder estatal é para a política.

Sem uma crítica do Estado, até mesmo revolucionárias que atingirem o sucesso estão condenadas por sua vez a se tornarem opressoras, assumindo a posição das governantes que elas derrubaram.

**SEM UMA CRÍTICA AO ESTADO, MESMO
REVOLUCIONÁRIOS DE SUCESSO ESTÃO CONDENADOS A
TORNAREM-SE OPRESSORES POR SUA VEZ, ASSUMINDO
A VAGA DOS GOVERNANTES QUE DERRUBARAM.**



Marx e Lenin criaram uma confusão tremenda ao prometerem que o Estado poderia ser usado para *abolir* a sociedade de classes, e depois de alguma forma desapareceria. Em outras palavras, “os trabalhadores” – ou seja, um partido que declara representá-los, da mesma forma que todo partido de governo faz – poderia manter a polícia, as forças armadas, os tribunais, o sistema prisional, a burocracia e todos outros instrumentos do Estado, mas que estes iriam magicamente começar a produzir igualdade ao invés de desigualdade. Isso traz a questão: o que é o Estado? Mais que tudo, é a concentração de legitimidade política em instituições específicas, e não nas pessoas que por elas são governadas. Esta é a própria definição de desigualdade, uma vez que privilegia as pessoas que, através dessas instituições, detêm o poder sobre as demais. Quando marxistas e leninistas tomaram o poder em dúzias de revoluções, nenhuma delas teve sucesso em abolir a sociedade de classes – e ao invés de desaparecer, como resultado, o Estado se tornou mais poderoso e invasivo. Como foi afirmado na Circular de Sonvelier: “Como podemos esperar que uma sociedade livre e igualitária emerge de uma organização autoritária?”

Quando pessoas revolucionárias tentam desfazer as desigualdades de classe criadas pela propriedade privada de capital dando o total controle do capital ao Estado, isso simplesmente transforma a classe que detém o poder político na nova classe capitalista. O nome disso é capitalismo de Estado. Sempre que você vê representação política e administração burocrática, você encontrará uma sociedade de classes. A única solução *real* para

a desigualdade econômica e política é em primeiro lugar abolir os mecanismos que criam diferenciais de poder – não usando as estruturas do Estado, mas organizando redes sociais para a autodeterminação e defesa coletiva que fazem com que seja impossível a imposição dos privilégios de qualquer elite econômica ou política. Isso é o oposto de tomar o poder.

Governos de todos os tipos se opõem a este projeto. A primeira condição para qualquer governo deter o poder é de que ele deve conseguir um monopólio da força coercitiva. Na luta para alcançar esse monopólio, despotismos fascistas, ditaduras comunistas e democracias liberais se tornam parecidas. E para alcançá-lo até mesmo os partidos mais radicais acabam se unindo a outras forças de poder. Isso explica porque os bolcheviques empregaram oficiais czaristas e métodos de contrainsurgência; explica porque eles repetidamente tomavam o lado dos pequenos burgueses contra anarquistas, primeiro na Rússia e mais tarde na Espanha e em todo lugar. A história nos conta a velha mentira de que a repressão bolchevique foi necessária para abolir o capitalismo. O problema com o bolchevismo não foi que ele usou força brutal para empurrar um projeto revolucionário, mas que ele usou força brutal para esmagá-lo.

Não é uma posição muito popular reconhecer isso hoje em dia, quando a bandeira da União Soviética se tornou uma tela fraca, que se distancia, na qual as pessoas podem projetar aquilo que quiserem. Uma geração que cresceu após a queda da União Soviética renovou a ilusão de que o Estado pode solucionar todos nossos problemas se as pessoas

certas estiverem no poder. Aquelas pessoas que defendem Lenin e Stalin dão exatamente as mesmas desculpas que ouvimos de proponentes do capitalismo que apontam que as formas nas quais consumidores foram beneficiados durante seu governo ou argumentam que as milhões de pessoas que foram exploradas, aprisionadas ou mortas, fizeram por merecer.

De qualquer forma, uma volta ao socialismo de Estado do século 20 é impossível. Como conta a velha piada do Bloco Oriental, o socialismo é a transição dolorosa entre o capitalismo e o capitalismo. Deste ponto de vista podemos ver que a ascensão temporária do socialismo no século 20 não foi a culminação da história mundial como predita por Marx, mas uma fase na disseminação e desenvolvimento do capitalismo. O “socialismo real existente” serviu para industrializar economias pós-feudais para o mercado mundial; ele estabilizou forças de trabalho inquietas através desta transição da mesma forma que o acordo fordista fez no ocidente. O socialismo de Estado e o fordismo são ambas expressões de uma trégua temporária entre o trabalho e o capital que a globalização tornou impossível.

Hoje o capitalismo de livre mercado irrestrito está prestes a engolir as últimas ilhas de estabilidade social-democrata, incluindo mesmo a Suécia e a França. Sempre que partidos de esquerda ascenderam ao po-

der sob a promessa de reformar o capitalismo, no fim das contas foram obrigados a implementar um projeto neoliberal que inclui medidas de austeridade e repressão. Consequentemente, sua ascensão ao poder drenou a força dos movimentos de base ao mesmo tempo em que permitiu que pessoas reacionárias de

direita posassem de rebeldes para lutar com as inquietações populares. Esta história aconteceu no Brasil com o Partido dos Trabalhadores (PT), na Grécia com o Syriza, na Nicarágua com a administração Ortega.

O único outro modelo de governo “revolucionário” é o descarado capitalismo de Estado representado pela China, cujas elites acumulam riquezas às custas das trabalhadoras sem a menor vergonha, da mesma forma que o fazem nos Estados Unidos. Como a URSS antes dela, a China confirma que a administração estatal da economia não é um passo rumo ao igualitarismo.

O futuro pode trazer o empobrecimento neoliberal, enclaves nacionalistas, economias de comando totalitário, ou a abolição da propriedade privada anarquista – provavelmente incluirá todos esses – mas será cada vez mais difícil preservar a ilusão de que algum governo poderá solucionar os problemas do capitalismo pra qualquer pessoa além de algumas privilegiadas. Fascistas e outros nacionalistas estão ansiosos para capitalizar com essa desilusão e assim promover suas próprias versões de socialismo excludente; não devemos facilitar o seu caminho legitimando a ideia de que o Estado pode servir às pessoas trabalhadoras se fosse propriamente *administrado*.

Algumas pessoas argumentam que devemos suspender os conflitos com proponentes do comunismo autoritário para focar em ameaças mais imediatas, como o fascismo. Mas o medo disseminado de um totalitarismo de esquerda deu a recrutadores fascistas os seus

Não existe receita para uma sociedade livre.



Contra o capitalismo e o Estado.

Tanques russos circulando pelas ruas de Budapeste para suprimir a revolta de 1956.



principais argumentos. Na disputa pelos corações e mentes de quem ainda não escolheu um lado, distinguir as nossas propostas de mudança social daquelas defendidas por stalinistas e outros grupos autoritários só tem a nos ajudar.

Dentro das lutas populares contra o capitalismo, a violência estatal e o fascismo, devemos dar peso igual às disputas entre diferentes visões do futuro. Não o fazer significa assumir com antecedência que seremos derrotadas antes de que qualquer uma dessas visões gere frutos. Anarquistas, mensheviques, revolucionárias socialistas e outras pessoas aprenderam da maneira mais difícil depois de 1917 que falhar em se preparar para a vitória pode ser ainda mais desastroso do que falhar em se preparar para a derrota.

A boa notícia é que os movimentos revolucionários não precisam acabar como a Revolução Russa. Existe outro caminho.

Ao invés de buscar o poder estatal, podemos abrir espaços de autonomia, despindo o Estado de legitimidade e desenvolvendo a capacidade de suprir as nossas necessidades diretamente. Ao invés de ditaduras e exércitos, podemos construir redes rizomáticas mundiais para defenderem umas às outras contra qualquer pessoa que queira exercer poder sobre nós. Em vez de ir atrás de novas representantes para solucionar nossos problemas, podemos criar associações de base fundamentadas na cooperação voluntária e no apoio mútuo. No lugar de economias gerenciadas pelo Estado, podemos estabelecer novos bens comuns em princípios horizontais. Esta é a alternativa anarquista, que poderia ter sido exitosa na Espanha nos anos 1930 se não tivesse sido esmagada por Franco de um lado e Stalin do outro. De Chiapas e Kabylia a Atenas e Rojava, todos inspiradores movimentos e insurgências das últimas três décadas incorporaram elementos do modelo anarquista.

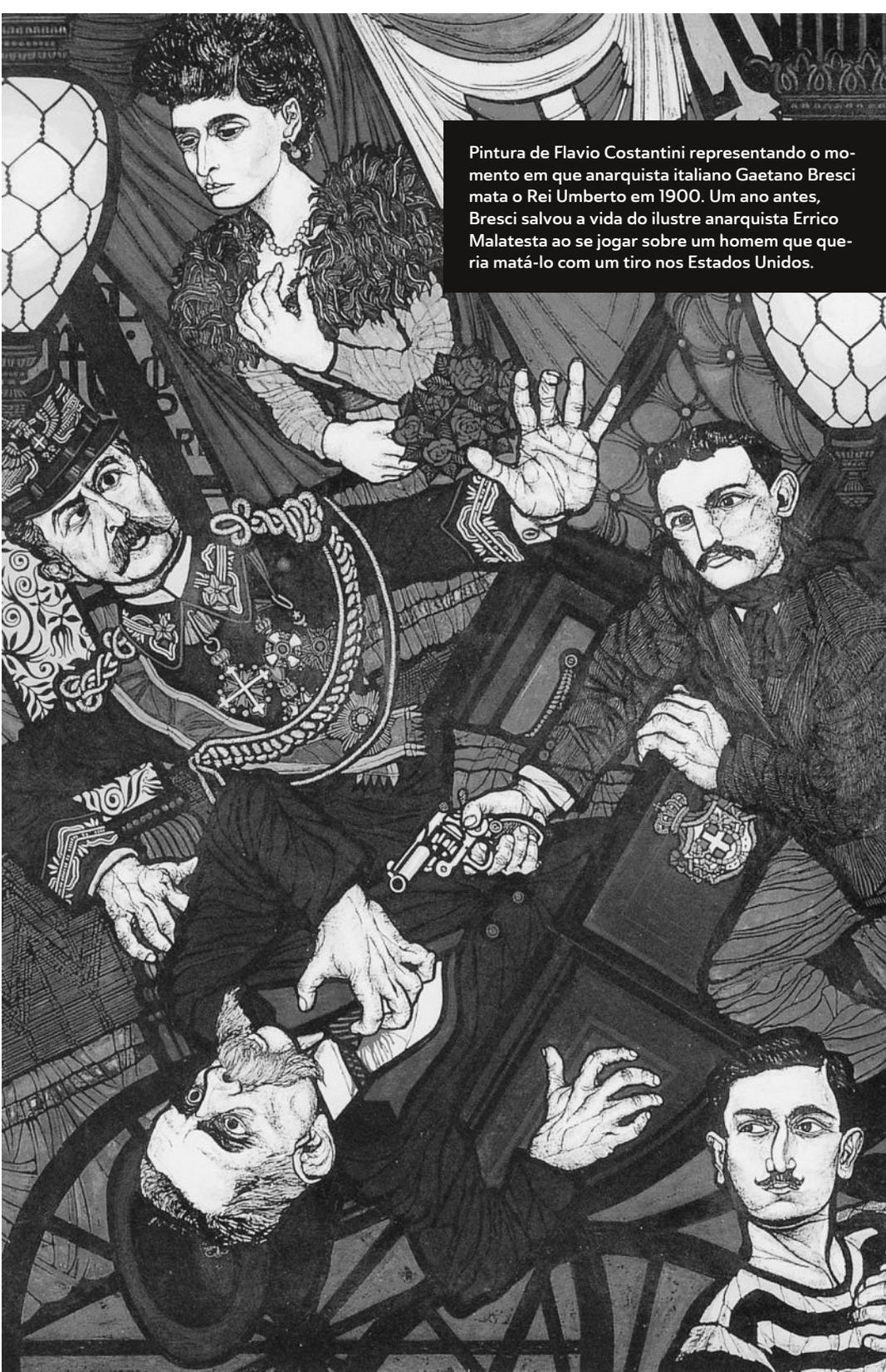
Proponentes da solução estatal alegam que são mais eficientes, mas a questão é: são mais eficientes em que? Não existem atalhos para a libertação;

ela não pode ser imposta de cima pra baixo. Se almejamos criar igualdade genuína, temos que nos organizar de uma forma que reflita isso, descentralizando o poder e rejeitando todas formas de hierarquia. Construindo projetos locais capazes de atender às necessidades imediatas através da ação direta e da solidariedade, interconectando-as em escala global, poderemos dar passos rumo a um mundo onde ninguém possa *governar* nenhuma outra pessoa. O tipo de revolução que queremos não pode acontecer da noite pro dia; é o processo contínuo de destruir to-

das concentrações de poder, da esfera doméstica até a sede do governo.

À medida que as crises de nossa era se intensificam, novas lutas revolucionárias estão prestes a surgir. O anarquismo é a única proposta de mudança revolucionária que não se encharcou em um mar de sangue. Cabe a nós a atualizarmos para o novo milênio, ou estaremos condenadas a repetir o passado.





Pintura de Flavio Costantini representando o momento em que anarquista italiano Gaetano Bresci mata o Rei Umberto em 1900. Um ano antes, Bresci salvou a vida do ilustre anarquista Errico Malatesta ao se jogar sobre um homem que queria matá-lo com um tiro nos Estados Unidos.

Organizar a morte do Estado e do Capital, não de pessoas

Perspectivas revolucionárias sobre atentados e assassinato de poderosos.

por Facção Fictícia.

“A terrível guilhotina de 1793 que não pode ser acusada nem de preguiça, nem de lentidão, não chegou a destruir a classe nobre na França. (...) E em geral, pode-se dizer que as carnificinas políticas nunca mataram os partidos; mostraram-se, sobretudo, impotentes contra as classes privilegiadas, porque a força reside menos nos homens do que nas posições ocupadas pelos homens privilegiados na organização das coisas, isto é, a instituição do Estado e sua consequência assim como sua base natural, a propriedade individual.”

– Mikhail Bakunin.

No dia 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, Minas Gerais, o deputado federal e candidato à presidência Jair Bolsonaro recebeu uma facada na barriga enquanto era carregado pelas ruas da cidade e escoltado por mais de 20 policiais. A ação foi flagrada por câmeras e celulares e repetida até a exaustão na televisão e pela internet. O algoz, Adelio Bispo de Oliveira, foi preso em flagrante. Taxado de “simpatizante de esquerda” por alguns e “lunático conspiratório” por outros, Adelio teria supostamente confes-

sado o crime alegando “divergências pessoais” e que teria feito a ação “a mando de Deus”.

Enquanto algumas pessoas analisam os impactos do atentado na campanha de Bolsonaro – um fascista, homofóbico, machista e racista declarado –, outras dizem é tudo uma completa encenação. Há também quem, num tom mais alarmista, compare o ataque contra o parlamentar ao assassinato do diplomata alemão Ernst vom Rath em 1938, que foi o estopim da Noite dos Cristais: ataques em massa

contra sinagogas, casas e lojas de judeus na Alemanha e na Áustria, resultando na prisão e morte de dezenas de pessoas. De fato, é bem possível que Bolsonaro e seus eleitores usem do atentado como estratégia para se passar por vítima e despertar solidariedade em forma de ódio contra algum grupo – como sempre fazem os fascistas. Ou pior: alguns fanáticos podem usar o episódio como pretexto para praticar seus ataques semelhantes aos tiros contra o ônibus de uma caravana de apoiadores do PT e de Lula no Paraná em março de 2018. Mas, para além desses pontos, é importante discutir o uso político de atentados e assassinatos de pessoas poderosas na sociedade fora de um contexto de combate ou guerra e enquanto ação de propaganda ou mobilização social.

A visão estratégica e a visão ética

Após o ataque a Bolsonaro, a internet e as ruas ferveram em debates sobre a legitimidade ou a necessidade de matar defensores de políticas de extrema-direita e que, em última instância, colocam em risco real a vida de milhões de pessoas negras, LGBTTIQ, pobres ou imigrantes apenas por serem parte de minorias políticas. Enquanto anarquistas, nos interessa o debate porque ele toca a luta contra políticas e regimes autoritários. É um debate sobre como resistir ao extremismo da direita, mas também a qualquer forma de Estado e exploração capitalista. E as questões mais importantes que queremos tratar aqui seriam principalmente estratégicas e éticas.

Anarquistas e socialistas já mataram presidentes e reis. Mas será que conseguiram alguma mudança sistêmica profunda com ações isoladas para eliminar certos indivíduos em posições de poder? Os fatos levam a crer que não, pois as instituições que acumulam poder continuaram intactas e operando com carne sempre nova. Bakunin nos alertou também sobre essa questão quando disse que “as carnificinas políticas nunca mataram os partidos; mostraram-se, sobretudo, impotentes contra as classes privilegiadas, porque a força reside menos nos homens do que nas posições



O momento em que um cidadão confere se um parlamentar tem sangue e merda na barriga como todos os outros mortais.

ocupadas pelos homens privilegiados na organização das coisas”. Como explica Alexandre Samis, “Bakunin acreditava que as energias revolucionárias deveriam ser concentradas na destruição das ‘coisas’, no caso, do Estado e da sociedade dividida em classes, e não das ‘pessoas’. A questão suscitada, para muito além de um contexto histórico, define para os libertários um princípio basilar: o do antiautoritarismo”. Ou seja, há muito tempo que anarquistas apontam que nossos maiores inimigos são as instituições políticas, econômicas e culturais que alimentam o conflito quando colocam umas poucas pessoas em posições de privilégios e outras em situações de opressão e subordinação.

Do ponto de vista estratégico, matar um fascista como Bolsonaro em praça pública fará pouco pelo fim do fascismo e toda forma de autoritarismo e opressão. Um problema sistêmico não desaparece com a morte de um indivíduo, por mais que tentemos personificar ideias e políticas nele. Se fosse assim, bastava esperar a morte de um ditador para que regimes caíssem e os povos vivessem em liberdade. Sabemos que sistemas autoritários permanecem após a morte de seus líderes e que atentados e assassinatos contra indivíduos separados de uma ampla luta social criam mártires e pretextos para

perseguição de movimentos políticos.

Do ponto de vista ético, se confundimos as pessoas com as instituições que elas operam, cairemos na ideia de que matar um por um de cada policial, juiz, presidente ou milionário vai nos livrar das desigualdades do mundo, como se as ideias, as práticas e as instituições que criam essas desigualdades residissem nos corpos dos que matamos. E se o nosso foco for executar adversários políticos, independente da situação ou das consequências, o que garante que após uma revolução não façamos paredões de execução de inocentes e supostos “contrarrevolucionários”? Não somos pacifistas e sabemos que sempre haverá violência decorrente dos conflitos de uma revolução social que enfrente os defensores de uma ordem opressora. Mas acreditar que o fim dessa ordem depende essencialmente do sangue dos seus defensores pode abrir caminho para aparatos sociais tirânicos e assassinos que não sabem mais quando parar de matar. Vemos isso muito bem no caso dos Jacobinos após a Revolução Francesa de 1789 ou da Revolução Russa e a tomada do poder pelos Bolcheviques em 1917.



Bolsonaro e sua metralhadora imaginária: você pode matar um homem, mas a babaquice é imortal.

"A minha hipótese é que o tribunal não é a expressão natural da justiça popular, mas pelo contrário, tem por função histórica reduzi-la, dominá-la, sufocá-la, reinscrevendo-a no interior de instituições características do aparelho de Estado."

– Michel Foucault

Confundir pessoas com sistemas e instituições historicamente construídas nos parece não apenas um erro estratégico mas também aponta caminhos para questões éticas, como o surgimento de tribunais revolucionários que penalizariam indivíduos como forma social exemplar e uma política de extermínio de inimigos por divergências políticas e ideológicas.

Exemplos históricos

Em 1901, William McKinley, presidente dos Estados Unidos foi atacado com dois tiros pelo jovem

anarquista e filho de imigrantes poloneses chamado Leon Czolgosz. O presidente morreu oito dias depois devido aos ferimentos. McKinley ficou conhecido por suas políticas imperialistas na América e na perseguição aos povos indígenas. Durante seu governo, os Estados Unidos ganharam controle dos territórios de Porto Rico, da Ilha de Guam e do Haváí. Muitos dizem que foi durante seu governo que os EUA conquistou o papel de "polícia do mundo". Como podemos perceber, sua morte não mudou os rumos do estado que comandava, e suas políticas não apenas permaneceram vivas, como se intensificaram. Theodore Roosevelt assumiu como presidente após

a morte de McKinley e consolidou o caminho do imperialismo estadunidense nas Américas e no mundo.

"Matar um homem para defender uma ideia não é defender uma ideia, é matar um homem."

– Jean-Luc Godard

Por sua vez, Leon Czolgosz não tinha muitos laços no movimento anarquista e "seu gosto por violência fez com que muitas pessoas achassem que ele era um infiltrado até o dia em que matou o presidente". O jovem foi preso sem direito a ver qualquer familiar ou amigos e morreu na cadeira elétrica um mês depois do atentado. Na sua época, Emma Goldman foi uma das poucas pessoas no movimento anarquista que buscou entender e defender Czolgosz – mesmo depois de ter sido presa por semanas junto com mais 12 militantes anarquistas após o assassinato do presidente, sem nenhuma acusação ou justificativa formal. Muitos apontam que foi nesse momento que o socialismo ganhou destaque nos Estados Unidos enquanto o anarquismo perdeu credibilidade devido aos ataques da mídia e do governo que depreciavam anarquistas como terroristas sedentos por sangue. Os mesmos tipos de estratégias vimos após 2013 no Brasil, com a prisão de 23 militantes no Rio de Janeiro em 2014 e a tentativa de criminalizar o movimento anarquista no Rio Grande do Sul em 2017. Em ambos os casos o Estado e mídia burguesa usaram manifestações, filiações políticas e atos isolados de depredação para forjar organizações criminosas fictícias que nunca feriram nem mataram pessoas e demonizar os movimentos sociais, especialmente os anarquistas.

Se atos que nem mesmo chegaram a tirar vidas são usados para criminalizar movimentos, a violência contra indivíduos enquanto forma de propaganda política pode colocar o movimento numa posição de fragilidade contra os ataques da mídia, do Estado e



“O problema da luta armada só existe para aquele que quer conservar seu próprio monopólio de armamento legítimo, o Estado. O que existe, por outro lado, é efetivamente uma questão de uso das armas. Quando, em março de 1977, 100.000 pessoas se manifestam em Roma, dentre as quais 10.000 armadas, e ao fim de um dia de enfrentamentos nenhum policial foi morto ou gravemente ferido, quando teria sido muito fácil fazer um massacre, percebemos um pouco melhor a diferença que existe entre o armamento e o uso de armas. Estar armado é um elemento da correlação de forças, a recusa de permanecer de maneira desprezível à mercê da polícia, uma maneira de se arrogar nossa impunidade legítima. Resolvido esse assunto, resta a questão da relação com a violência, uma relação cuja falha de elaboração prejudica em toda parte os progressos da subversão anti-imperial.”

– *Tiqqun*

da opinião pública. Não é preciso sermos reféns da opinião pública, nem nos dispor a fazer apenas aquilo que uma maioria na sociedade iria aceitar. Mas devemos entender as consequências de nossos atos e o quão fortes são nossos laços sociais e políticos para aguentar a difamação, o medo e a perseguição política.

Pessoas comuns, que ainda não tomaram partido, tendem a ver os movimentos que ganham fama com atentados como apenas uma facção militarizada, especializada em combate ou em ataques. Se uma construção de relações sociais fortes, como ocupações, cooperativas, sistemas de educação e uma ampla estrutura autogerida não se tornarem conhecidas antes dos conflitos com agentes do Estado, dificilmente terão suporte após ações isoladas violentas.

Como nos contam camaradas do coletivo CrimethInc, depois que McKinley foi morto pelas mãos de um anarquista, “multidões atacaram comunas e jornais anarquistas em retaliação. O governo dos EUA passou leis anti-anarquistas. O medo do movimento

abriu caminho para a criação do *Bureau of Investigation* (Departamento de Investigação), em 1908, que se tornou o FBI trinta anos depois. A maioria das leis anti-anarquistas não foram usadas até a Primeira Guerra Mundial, quando passaram a ser usadas contra imigrantes anarquistas e qualquer outro imigrante que representasse alguma ameaça para a nação”.

Mais recentemente, temos o exemplo da revolução social em andamento em Rojava, no norte da Síria, que tem suas raízes no surgimento do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), fundado em 1978 no sul da Turquia levando adiante uma guerrilha urbana marxista-leninista. O povo curdo é o maior povo sem estado do mundo e conta com cerca de 4 milhões de pessoas espalhadas pelos territórios da Síria, Iraque e Turquia, vivendo há séculos como refugiados, perseguidos políticos sem direitos. Curdistão é o nome desse território não reconhecido por onde está espalhado seu povo. O PKK, desde o início formado por homens e mulheres curdas, iniciou

suas ações promovendo sequestros, ataques e atentados que mataram grandes proprietários de terras que exploravam o povo curdo e alvos políticos e militares do estado turco. Paralelamente aos atentados, o PKK buscava construir atividades culturais e organizativas com o objetivo de estimular um levante popular e a criação de um estado socialista curdo independente. A forte repressão após o golpe militar na Turquia em 1980 fez com que o partido fosse considerado um grupo terrorista pela Turquia e por toda a comunidade internacional, forçado a agir na clandestinidade. Parte de suas lideranças foram presas e seus militantes se refugiaram na Síria e na Europa. Com dificuldade para atuar na Turquia, o PKK começou a realizar atentados nos países europeus.

No fim da década de 1990 o PKK anuncia que não pretende mais lutar pela criação de um estado nacional curdo e sim focar em criar autonomia para os povos fora das estruturas estatais e em 2005 declara um cessar fogo unilateral. Seu projeto político principal se torna o Confederalismo Democrático, uma forma de democracia de comunas locais dos bairros e cidades. Baseada na igualdade de gênero e no pluralismo, seu Confederalismo promove a autonomia e autodeterminação não apenas dos curdos, mas de povos de ao menos quatro etnias e três religiões. Inspirados pela revolução Zapatista no México e por ideias anarquistas como as de Murray Bookchin, os movimentos em Rojava organizaram durante décadas as estruturas educacionais, econômicas e políticas para sua autonomia e libertação. Com o início dos levantes da Primavera Árabe e a deflagração da guerra civil na Síria em 2014, os curdos não tiveram outra opção que não pegar em armas por suas vidas e seu projeto político quando encurralados entre o fascismo do Estado Islâmico e o totalitarismo dos governos da Turquia e da Síria e demais grupos rebeldes e jihadistas.

A revolução em Rojava mostrou que é importante a “democratização da violência”. Isto é, todas as pessoas, grupos e povos devem saber se defender. Uma vez que não há um Estado monopolizando o uso legítimo da violência, saber se defender de



**“Só ajuda a violência,
onde reina a violência...”**

– “Santa Joana dos Matadouros”, Bertolt Brecht

Execução do pedagogo anarquista catalão Francisco Ferrer retratado também por Costantini: quando não vencemos, somos nós os primeiros corpos contra a parede.

opressores externos e resolver conflitos internos passa a ser uma missão de todas as pessoas. A revolução curda conta com uma forte e disciplinada milícia popular (YPG) e uma ainda mais temida e exemplar milícia exclusivamente feminina (YPJ). Juntas, essas forças foram decisivas para derrotar e expulsar o Estado Islâmico do norte da Síria, mas hoje enfrentam as ofensivas do governo da Turquia para eliminar qualquer resistência e organização curda, mesmo fora de seu território.

A lição que o PKK e a revolução em Rojava pode nos ensinar é que começar um movimento baseado em atentados isolados e no assassinato de poderosos dificilmente vai fazer ruir um sistema opressor e

construir estruturas que garantem a autonomia e a liberdade de um povo. Qualquer grupo que, para divulgar suas ideias, parta desde o início das ações violentas isoladas acaba criando uma barreira com o resto da população e ficam sem apoio contra os discursos criminalizadores do Estado. Esse tipo de ação, quando realizada fora de um contexto de guerra social ou sem um amplo trabalho de construção de poder de base, apenas coloca o movimento em um risco estratégico.

Sem o foco na construção do apoio e da participação popular, o PKK estaria fadado a acabar com seus membros presos ou mortos. Ao mudar sua política, seus objetivos a longo prazo e organizar a violência

como uma forma de autodefesa coletiva, eles se afastaram dos atos de vingança contra indivíduos para construir a maior revolução social e experiência de organização de um povo sem Estado no século XXI até então. Os curdos aprenderam com as ideias e práticas anarquistas. Está na hora de aprendermos com a experiência desses homens e mulheres comuns que escrevem juntos uma história extraordinária.

Destituição no lugar de paredão

“A revolução da vida cotidiana liquidará as noções de justiça, de castigo e de suplício – noções determinadas pela troca e pelo reino do fragmentário. Não queremos ser justiceiros, mas senhores sem escravos, reencontrando, para além da destruição da escravidão, uma nova inocência, uma nova graça de viver. Trata-se de destruir o inimigo não de julgá-lo.”

– Raoul Vaneigem

Anarquistas sempre rejeitaram as eleições e a democracia representativa por serem mera ilusão: uma pessoa não é capaz de encarnar os interesses de uma classe, suas vontades ou ideias. Ela, no máximo, consegue defender os interesses de uma elite administrativa enquanto parte dela. E, de fato, quem toma o Estado coloca os interesses do Estado e das classes poderosas acima das classes inferiores. Fazendo o caminho contrário, o mesmo raciocínio mostra que matar uma única pessoa não vai acabar com suas ideias, eliminar sua classe, nem necessariamente desencoraja seus apoiadores. Uma dura lição aprendida também pela Faccção do Exército Vermelho (RAF) na Alemanha. Entre as décadas de 1970 e 1990 o grupo praticou assassinato de políticos, oficiais, policiais e empresários sem qualquer efeito mai-

or na sociedade alemã. O grupo caminhou para o total isolamento na clandestinidade, além de levar à morte ou à prisão a maioria de seus membros. Os exemplos atravessam os séculos e os continentes (onde podemos destacar a Guerrilha da Araguaia no Brasil, as Brigadas Vermelhas na Itália, as FARC na Colômbia, como exemplares da limitação dessas ações), mas não caberia aqui analisar todos.

A luta revolucionária não deve ter como fim o julgamento e punição de quem praticou atos que condenamos, a revolução não é um elogio à vingança e ao ressentimento, muito menos a instrumentalização do ódio. Ela deve ser um esforço positivo de construção de estruturas de vida paralelas sem relações mediadas pela violência. Isso não significa criar um dilema moral quanto ao uso da violência. Malatesta explica muito bem que “a ideia central do anarquismo é a eliminação da violência na vida social, é a organização das relações sociais fundamentada na livre vontade de todos e de cada um, sem intervenção do policial. É por isso que somos contra o capitalismo que, apoiando-se na proteção do policial, obriga os trabalhadores a deixar-se explorar por aqueles que detêm os meios de produção, ou mesmo ficar sem trabalho e sofrer de fome quando os patrões não tem interesse em explorá-los. Eis porque somos inimigos do Estado, que é a organização coercitiva, ou seja, violenta da sociedade”. E continua: “a violência só é justificável quando é necessária para defender a si mesmo ou defender os outros contra a violência. O delito começa lá onde acaba a necessidade.” A violência pode destruir e nos libertar de uma ordem opressora, mas não é o melhor laço para manter uma sociedade livre.

Quando Durruti diz que “o Fascismo não se debate, se destrói”, acreditamos que ele está falando mais de sistemas políticos e ideias do que apenas de seus partidários. Mesmo sabendo que uma vez no front de batalha da Revolução Espanhola, sua vida e a de seu povo dependia da morte de fascistas armados que estavam tentando tomar o controle do Estado. Anarquistas não acreditam na tomada do Estado, seja pe-

lo voto ou pela força porque sabem que a existência do Estado em si depende e perpetua uma divisão da sociedade em classes de dirigentes e dirigidos. Em uma sociedade onde não existem cargos executivos ou militares que acumulam tanto poder, não existe o risco de um fascista tomar esse cargo e fazer valer suas vontades políticas e caprichos pessoais. Sem o Estado, o Exército, a propriedade privada e a polícia para defendê-la, homens como Jair Bolsonaro ou Eike Batista são apenas idiotas arrogantes e egoístas. Sem essas posições de poder, esses homens não são nada. Mas sem esses homens, tais posições de poder continuam sendo uma ameaça para nós aqui embaixo, pois basta alguém assumir seu lugar que o sistema continua seu trabalho da mesma forma.

Se vamos tomar de volta a capacidade de nos organizar, devemos começar pela capacidade de organizar a morte do Estado e do Capital, não de indivíduos. Somente a organização descentralizada, horizontal e autônoma da sociedade de forma a tornar essas instituições fracas e inúteis vai nos libertar dos efeitos opressivos delas. Se queremos uma sociedade livre, devemos priorizar a criação de um poder coletivo e social que torne essas instituições fracas e inoperantes, a ponto delas não fazerem a menor diferença em nossas vidas, sem necessariamente destruir as pessoas operando elas, ou fazer disso um projeto político. E então, poderemos destruí-las, deixando-as perecer sem ninguém por perto. Como descrito pelo Comitê Invisível, precisamos destituir o poder estatal e capitalista:

“Subtrair-se às instituições é tudo menos deixar

um vazio, é sufocá-la positivamente. Destituir não é, portanto, atacar a instituição, mas, sim, a necessidade que temos dela. Não é criticá-la (...), mas assumir realmente o que se supõe que ela faz, fora dela. Destituir a universidade é estabelecer longe dela lugares de pesquisa, de formação e de pensamento mais vivos do que ela é (...). Destituir a justiça é aprender a regular, nós mesmos, nossos desacordos, colocar para isso um método, paralisar sua faculdade de julgar e expulsar seus oficiais de justiça de nossas vidas. Destituir a medicina é saber o que é bom para nós e o que nos deixa doentes, arrancar da instituição os saberes apaixonados que nela sobrevivem em suas obras e não voltar jamais a se encontrar só, no hospital, com o corpo entregue à soberania artística de um cirurgião desdenhoso. Destituir o governo é se tornar ingovernável. Quem falou em vencer? Superar é tudo. O gesto destituente não se opõe à instituição, ele não coloca contra ela uma luta frontal, mas a neutraliza, esvazia-a de sua substância, dá um passo para trás e a observa morrer.” (Agora – Motim e Destituição).



Marcha antifascista no Rio de Janeiro, 2016: Esmagar o fascismo, abolir o Capitalismo e destruir o Estado – nada menos que tudo isso junto!

Coragem para se encontrar

Não é necessário também oferecer um julgamento moral das ações de outros anarquistas ou indivíduos aparentemente desesperados como Adelio Bispo, que tiveram coragem de mostrar a políticos e outros poderosos que suas ações para manter um mundo de desigual e opressivo terão consequências. Precisamos, acima de tudo, entender o contexto de isolamento e frustração causados pela vida em uma sociedade tão desigual, que pode levar alguém a tomar partido e realizar tais ações tão extremas.

Muitas pessoas oprimidas se sentem impotentes e querem romper com esse sentimento da forma mais rápida possível. Tão comum como o atentado contra figuras de poder, é a autodestruição transforma em da ação política. Já comentamos sobre o homem de cinquenta anos que ateou fogo em si mesmo na frente do Palácio do Planalto no dia em que um muro era erguido por presidiários para separar manifestantes de esquerda de manifestantes de direita no dia da votação do Impeachment de Dilma Roussef em 2016. Ele foi levado ao hospital com cerca de 70% do corpo queimado, mas sobreviveu. Seu gesto se compara ao de Mohamed Bouazizi, o vendedor ambulante tunisiano impedido de trabalhar que se matou com gasolina e fogo em frente a um prédio público e foi o estopim das revoltas hoje conhecidas como Primavera Árabe. Ambos os atos denunciam a violência silenciosa de uma sociedade que cala e isola indivíduos até que não sobre nada além da solidão e do desespero. Na impossibilidade de se encontrar com outros corpos para organizar a resistência, a opção encontrada por esses homens foi transformar o desespero em uma forma de potência, mesmo que autodestrutiva – com a diferença de que a do brasileiro que ateou fogo em seu próprio corpo não iniciou nenhum grande levante.

Adelio Bispo pode até saber que Bolsonaro representa uma ameaça a vida dos pobres e minorias, porém, mais do que nunca, é a vida de Adelio que agora está em risco. Depois de ser linchado e preso, ele será processado com base na Lei de Segurança Nacional, criada durante a ditadura que Bolsonaro tanto elogia e tem saudades – mais uma prova de que mesmo anos após a saída ou mesmo a morte de seus líderes, os aparatos de uma ditadura militar não apenas continuam vivos, mas continuam operantes dentro de uma democracia.

Por fim, temos uma mensagem a todas as pessoas que, por raiva ou frustração, pensam em furar um bloqueio policial para tirar a vida de um tirano com suas próprias mãos, ou atear fogo em si mesmas como um último protesto: vocês não estão sós!

E uma mensagem para todos aqueles que querem nos manter sob controle, opressão ou mortos: vocês não estão seguros!

É possível e necessário nos encontrar e nos organizar para planejar a queda de regimes inerteiros e não apenas de um tirano. Não deixaremos a ansiedade e a frustração guiarem nossos atos nem aceitemos correr o risco de ir para a prisão ou túmulo sem apoio, solidariedade ou mesmo em vão. A construção de um novo mundo livre da autoridade do Estado ou do capital certamente levará ao confronto com pessoas que querem defender sua existência, por isso não devemos hesitar na hora de defender nossas vidas e as de nossos pares. Existem pessoas que já mostraram a coragem de arriscar a vida pelo bem de todas as outras pessoas oprimidas. É preciso sermos fortes e nos organizar para que ninguém tenha que lutar ou sofrer na solidão, no isolamento. Quanto mais pessoas oprimidas compartilharem dessa coragem, mais teremos força para derrubar os tiranos desse mundo, levando seus regimes com eles – e a esse dia daremos o nome de revolução.

NÃO SE LAMENTE,
ORGANIZE-SE!



Da discordância ao ódio

Como a nossa forma de comunicar pode sabotar nossos esforços.

Texto de Cachorro Voador.

Nas últimas duas décadas nossos costumes avançaram pelo menos um pouco no sentido de aceitação da homossexualidade, na luta contra o racismo, na igualdade de gêneros e no respeito às minorias de forma geral. Agora estamos assustadas com uma onda reacionária que dominou o país, propagando um discurso de ódio e intolerância com as minorias e com os movimentos sociais, ao ponto de pipocarem agressões homofóbicas, antifeministas e esquerdofóbicas por todo o lado. O que deu errado? Por quê as pessoas estão se opondo tão violentamente a mudanças que visam construir um mundo com mais tolerância e igualdade e sentem tamanho ódio por ativistas e pessoas que defendem a igualdade das mulheres, a igualdade de gêneros?



Em termos de conteúdo, nosso discurso pode ser muito diferente do da direita reacionária e conservadora, mas, pelo menos até o momento, tem sido idêntico na forma. “Eu tô certo, você está errado!” é a forma de comunicação preferida na civilização ocidental e nas suas esferas de influência desde o seu surgimento. Seja com nossas famílias, em nosso círculo de amizades, com nossas colegas de trabalho ou com uma pessoa estranha na rua, quando nos deparamos com uma discordância, somos ensinadas desde pequenas a argumentar, jamais a dialogar. Quando uma criança faz algo que pessoas adultas não aprovam, ela logo é posta em seu lugar: “Não pode!”, “Sua irresponsável!”, “Isso é errado!”. Ao invés de dialogarmos com ela para descobrir por que fez e o que estava tentando fazer com aquilo, somos impelidas (pela nossa própria criação) a demonstrar todas as formas em que elas erraram.

E nas nossas discussões sobre política e transformação social, agimos da mesma forma. Estamos sempre prontas para acusar e criticar, mas jamais para tentar compreender o que faz aquela pessoa pensar e agir daquele jeito, nem para expor nossos sentimentos e juntas tentarmos encontrar uma solução para nossos problemas. Quando fazemos isso sem ouvi-las e buscar a empatia, estamos negando a validade do

seu ponto-de-vista, da sua vivência e tentando impor a nossa visão como A Verdade.

E isso parece não estar dando certo para ninguém.

Todo ataque, gera resistência.

Assim como a violência do Estado e do capitalismo gera resistência por parte das pessoas que lutam por liberdade e por um mundo com mais igualdade, quando agimos ou dizemos algo que outras pessoas interpretam como crítica, julgamento ou reprovação, é muito provável que surja resistência às mudanças que estamos tentando realizar. É normal ficar na defensiva durante um

Ainda estamos presas a uma mentalidade de tentar trazer transformação acusando as outras pessoas de estarem erradas, e não está funcionando.

ataque, mesmo que argumentativo, e, dentro de um certo limite, isso é até mesmo saudável para não aceitarmos acriticamente tudo que nos dizem e sermos manipuladas.

Os últimos anos de avanços na igualdade social, como o maior acesso da população negra às universidades através das cotas, o empoderamento das mulheres para denunciar abusadores publicamente e a coragem de casais homoafetivos de demonstrar o seu amor em público, entre outros, trouxeram no seu encaixe uma resistência feroz. Pessoas que se sentiram julgadas ou acusadas de serem machistas, racistas, homofóbicas, e todo mundo que se identificou com elas por ser parte de uma cultura que ainda propaga esses valores, ficaram na defensiva e ali se entrencharam. Isso colabo-

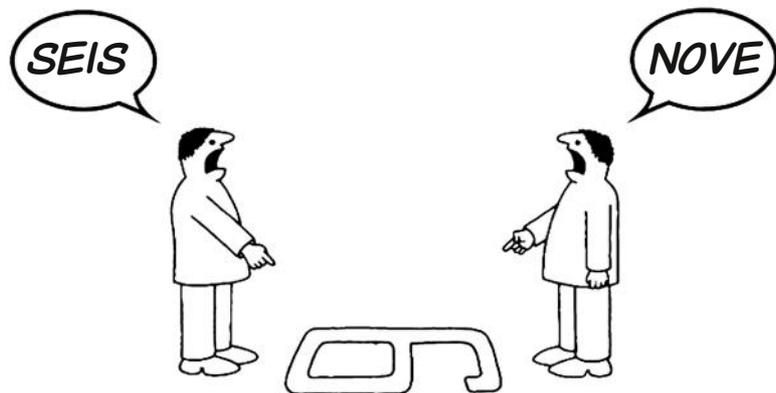
rou com a polarização política que acabou levando Bolsonaro, Mourão e uma horda de reacionários ao Palácio do Planalto, o que agora pode pôr tudo a perder.

Ainda estamos presas a uma mentalidade de tentar realizar transformações acusando as outras pessoas de estarem erradas, e isso não está funcionando.

Quando abrimos mão do diálogo, a única forma de mudar o comportamento opressivo de outra pessoa é através do constrangimento ou do medo. Ou seja, através da ameaça de ostracização ou de uso da força. A ostracização não resolve o problema, apenas o afasta de nossos olhos. Por exemplo, ostracizar uma pessoa homofóbica não fará com que ela deixe de ser hostil a pessoas em relacionamentos homoafetivos, apenas fará com que ela faça isso longe de nossos olhos e de nossa esfera de influência – ou seja, empurramos o problema para outras pessoas.

Já a força não é uma forma eficaz de convencimento e de mudanças a longo prazo, principalmente se o que queremos é um mundo baseado no princípio da liberdade. O uso da força pode sim ser eficiente como defesa, para preservar a vida frente a uma ameaça. Se a polícia representa uma ameaça à liberdade e à vida das pessoas, a força pode ser útil para impedir o seu avanço, protegendo as pessoas da repressão. Se uma mulher está prestes a ser violentada por um homem, esfaqueá-lo pode ser uma forma eficaz de preservar a integridade física e mental dela. A ameaça de violência física também pode dissuadir um grupo fascista de cometer ataques homofóbicos e racistas, e a sabotagem pode proteger uma floresta do desmatamento iminente. Embora a força possa ser uma boa solução para ameaças imediatas à vida, não é a melhor solução a longo prazo.

Se forçamos alguém através do constrangimento, da coerção ou do medo de punição a fazer algo contra a sua vontade, essa pessoa voltará a



"As pessoas foram treinadas a criticar, insultar e se comunicar de formas que distanciam as pessoas."

— Marshall B. Rosenberg

fazer isso assim que enxergar uma oportunidade de fazê-lo sem sofrer retaliação. Se o número de pessoas constrangidas for grande, elas poderão fazer parte de um movimento reacionário.

Opondo-se a ideias, não a pessoas

Chamar alguém de fascista, machista, racista ou homofóbico pode fazer a gente se sentir bem, descarregar um pouco da nossa raiva e frustração e reforçar nosso sentimento de estarmos do lado da justiça e da liberdade. Mas vai ser pouco eficiente em transformar as ações dessa pessoa. Se ela luta por mudanças radicais, como nós, isso pode fazer com que se sinta inferiorizada, que não é boa ou pu-

ra o suficiente, e isso pode acabar imobilizando-a ou afastando-a do movimento. Se ela simpatiza com nossa luta, mas não é tão radical quanto nós, a probabilidade de afastá-la é ainda maior e poderemos ser taxadas de extremistas, reduzindo nosso apoio em grupos mais moderados. Por outro lado se ela for mais conservadora ou não for familiarizada com ideias mais radicais, ela pode acabar se identificando com os rótulos que impomos a elas, assumindo a pecha de antifeminista, de defensor dos direitos dos homens, passar falar de racismo invertido e outras formas de vitimismo.

Há uma diferença entre acusar alguém de "ser" racista e de ter agido de forma racista. O mesmo vale para o sexismo, a homofobia ou o fascismo. Essas opressões estão entranhadas dentro de nós e mesmo a pessoa mais esclarecida pode cometer atos machistas, racistas, sem ter consciência, mas isso não significa que ela pense que mulheres ou pessoas negras são inferiores ou que devem ser tratadas de forma diferente. Se em certo momento ela agiu de forma que consideramos opressora, se conversarmos sobre essa ação específica será mais fácil para nós dialogarmos abertamente e também para ela evitar realizar aquela mesma ação no futuro. Mas se a rotulamos como machista, racista, homofóbica, a congelamos no status de opressora, e será muito mais difícil para nós estabelecermos um diálogo com ela e mais difícil será para ela mudar, e portanto estaremos mais distantes do nosso objetivo de acabar com a opressão.

Se enxergamos as outras pessoas como iguais e não queremos opri-mí-las, impondo nosso ponto-de-

vista, a saída é estabelecer um diálogo. Para isso, precisamos ouvir e ser ouvidas, o que é muito raro hoje em dia. Realmente escutar nossa interlocutora não é ficar pensando, enquanto ela fala, em como retrucá-la, mas ouvir o que ela tem a dizer, tentar descobrir como ela está se sentindo e o que leva ela a se sentir assim. Muitas vezes, somente depois de ter certeza que você ouviu o que ela tinha a dizer, uma pessoa se abrirá para saber o que você sente, precisa e as mudanças que gostaria de ver. Precisamos aprender a discordar das ideias de alguém sem desumanizar a pessoa.

É improvável que conseguiremos resolver as dis-



putas numa única conversa, mas mesmo que haja discordância é precioso mantermos os canais abertos para irmos compreendendo umas às outras e quem sabe um dia elas estarão prontas para atender nossos pedidos.

Nem sempre é fácil manter um diálogo com quem pensa e fala coisas que ferem nossos princípios e valores. Fica mais fácil se mantivermos o foco em qual necessidade humana aquela pessoa está tentando proteger quando diz e pensa isso. Afinal, todas precisamos das mesmas coisas: sustento, segurança, liberdade, paz, compreensão, etc. É claro que manter esse tipo de diálogo demanda uma boa quantidade de dis-

posição e energia e, por vezes, pode ser muito tentador mandar a pessoa catar coquinhos e seguir com nossa vida. Por essa razão, precisamos conhecer e respeitar nossos próprios limites. Se não estamos conseguindo manter um diálogo, temos que ter em mente que é sempre possível interrompê-lo e perguntar à outra pessoa se ela estaria disposta a continuar em outro momento. Também precisamos aprender a pedir ajuda quando necessário.

A fim de conseguirmos escutar alguém, precisamos nos sentir escutados e para isso é importante ter pessoas em quem confiamos com quem podemos nos abrir e desabafar. Ao criar redes de pessoas que se

escutam, começamos a criar uma cultura de diálogo. Essa cultura se faz muito necessária em uma conjuntura que, estimulada pelas redes sociais corporativas (Facebook, Instagram, etc.), facilita o bloqueio e a exclusão de pessoas de quem discordamos de nossas bolhas e da nossa própria existência digital.

Quem mais se beneficia do isolamento e da desintegração das comunidades é o Estado, o fascismo e qualquer grupo interessado em fazer perseguição política. Se queremos um mundo livre de opressão, precisamos encontrar formas não-coercitivas de criá-lo, senão estaremos reproduzindo as mesmas dinâmicas e estaremos portanto fadadas ao fracasso.



"O mundo não está dividido entre Oriente e Ocidente. Você é americana, eu sou iraniana, nós não nos conhecemos, mas conversamos e nos entendemos perfeitamente. A diferença entre você e seu governo é muito maior que a diferença entre você e eu. E a diferença entre eu e meu governo é muito maior que a diferença entre eu e você. E nossos governos são muito parecidos."

— Marjane Satrapi,
quadrinista iraniana.



Uma prática para a coesão

por Chuy

Anarquistas em geral costumam falar de uma base de princípios – apoio mútuo, autonomia, solidariedade, etc. – que é essa cola mínima que liga as diferentes tendências sob um mesmo nome. Independente das estratégias de ação, seja propaganda, trabalho de base, criação e divulgação de materiais de estudo, uma comuna no mato ou na cidade, insurreição e destruição de propriedade privada, os princípios anarquistas são ao mesmo tempo o ponto de partida e o objetivo dessa cultura política. Entretanto, durante minha vivência em coletivos e também a partir dos relatos que recebi de amizades, percebi que esses princípios, ou valores, têm bastante dificuldade de ganhar expressão prática na mão das pessoas.

Quando estamos organizando coletividades, a forma como interagimos entre nós é crucial para que tenhamos boas chances de alcançar nossos objetivos. É aqui que entra a comunicação como prática fundamental. Várias dessas peças que faziam muito sentido para mim (princípios anarquistas), mas que estavam soltas, muitas vezes como conceitos abstratos (sofriam para ganhar expressão prática), começaram a se encaixar quando passei a praticar formas de comunicação mais atentas. As palavras estão na superfície de processos mais profundos e elas moldam nossas visões de mundo e formas de nos organizarmos. Logo, a expressão condiciona o conteúdo e vice-versa: com uma comunicação baseada em valores, esses valores acabam virando ações evidentes! Não que apenas se comunicar diferente vá resolver todas as mazelas contra as quais anarquistas costumam lutar. Pelo contrário, isso não resolve e, em si mesmo, não pretende resolver nada. As ações de que falo são na verdade uma atenção incessante que, a partir daí, costumam se desdobrar em melhores soluções para os nossos diversos problemas, acima de tudo, o de coesão de grupo.

De onde vem a distância

A primeira percepção que tive ao praticar esse tipo de comunicação talvez não seja tão óbvia por ser quase invisível. Notei que a forma como eu usava as palavras para conseguir o que queria não era nem um pouco eficiente caso tentasse seguir os princípios anarquistas. O uso da linguagem que aprendi é escancaradamente autoritário, chantagista, ao mesmo tempo vitimista e abusivo. Com ele, instauramos verdades morais a partir das quais a única coisa que conseguimos fazer é condenar as pessoas. Acima de tudo, quando falamos somos propositadamente confusos para nos eximir de responsabilidades. “Pois é, fui obrigada...”, “é assim que as coisas funcionam”, “ele é tão querido, mas não tive escolha: precisou aprender na marra”. Isso é usado por todo mundo, não importa sexo, idade, classe, cor da pele, etc, tá aí na rua, em casa, na creche, na mesa do bar, na intimidade do abraço, na organização de atividades libertárias. É tão normal que não nos damos conta do distanciamento contínuo que provocamos entre nós. E além disso, por não conhecer outro caminho, a gente sofre e agride as pessoas queridas num desespero vertiginoso.

Então, percebi também que esse linguajar, esse jeito de falar, não só caminhava para o lado oposto do meu ideal como anarquista, como parecia que “funcionava” bem em situações em que a balança das relações de poder pendia para o meu lado (ou para o lado de quem tiver mais poder no momento). Primeiro, eu não tinha a segurança suficiente para sustentar minha intenção e aí, geralmente por medo, eu fazia uma volta para longe do assunto. Depois, frustrado com esse desvio, a fala ganhava um aspecto agressivo (passivo ou ativo) e por eu ter mais poder, saía mais ileso da interação. Exemplos seriam: sinceridade virava grosseria, silêncio encobertava mentira, interesse visava adulação, etc. São todas estratégias retóricas e de linguagem corporal que a gente pratica sem pensar para tentar ganhar a conversa ou a situação. Da mesma forma, nosso ouvido está totalmente ofuscado classificando tudo que capta como ameaça. Obviamente, como todo mundo, eu fazia essas coisas, mas agora passei a notá-las com mais clareza. Estar mais atento não significa ser gentil e dócil, mas saber olhar para minhas ações (falar, agir, interpretar, me relacionar, ignorar, festejar, repudiar, etc.) como minhas.

A disputa onde todo mundo perde

No fundo, o “funcionar” normal dentro de uma conversa é na verdade sinônimo de disputa. “Eu é que tenho razão”, “você é uma manipuladora”, “eu tive que empurrar ela pra fora da okupa”. Quando essa queda de braço se instaura, a polarização é inevitável: “quem não está comigo é meu inimigo!”.

“Mas o que eu coloco no lugar da disputa, então?” Vamos dar um passo atrás por um momento. Podemos começar pelo que parece mais fácil: que tal estar presente e não disputar a razão com as pessoas que gostamos (e que eventualmente iremos tratar)? Faça a experiência, sobretudo nos momentos onde se tem mais certeza de que o outro está “errado”.

Ter consciência de que o linguajar que eu conhecia me colocava sempre em disputa foi chave para mim. Co-

mecei a olhar para essa postura, investigá-la sempre que aparecia. Dado seu incessante reaparecimento, qualquer pessoa terá muitas oportunidades para estudá-la e transformá-la. Mas para isso é preciso tomar uma certa distância, não entrar no jogo de “quem tem a razão”.

Como sempre, a prática

É a partir do treinamento da nossa atenção que conseguimos sair daquele desespero que falei acima. Obviamente isso leva muito tempo, como qualquer prática (pensa, por exemplo, numa língua estrangeira ou numa arte marcial). E acho que essa é uma razão para as pessoas que buscam anarquizar o mundo estarem carregadas de ansiedade: querem as coisas para ontem e fazem isso através de um improviso sem base na experiência. É muito triste que não tenhamos uma troca geracional que mantenha o fluxo de transformação radical na qual dedicamos tanta energia. Na verdade, pelo contrário, o que se mantém (e também é muito fácil notar nos nossos grupos) é a falta de cuidado com nossos próprios objetivos, desejos e responsabilidades, tanto coletivos quanto individuais. Temos muito mais vontade (e prática) em defendermos ideais abstratos do que as relações concretas que podem nos fazer avançar.

Essa prática de atenção pode muitas vezes parecer um processo puramente individual. Porém, ela pode ser parte de uma tomada de consciência e seus efeitos sempre extrapolam a pessoa. Por um lado, uma análise sistêmica de processos históricos e estruturas sociais aguçam a percepção de si, das opressões que se sofre e/ou seus privilégios. Um exemplo disso poderia ser os grupos intimistas feministas onde, ao contar suas experiências pessoais, as mulheres descobriam que o que acontecia com cada uma individualmente era algo que passava com todas; essa partilha tornava evidente uma opressão sistêmica. Por outro, uma atenção voltada para a prática pessoal nos abre caminhos diferentes das usuais relações de poder codificadas na sociedade. É a velha história: os níveis micro e macro estão profundamente interligados.



O prazer de estar certo e a percepção das necessidades

Uma fonte que tem me inspirado muito nessa vertente de ação são as esquematizações feitas por Marshall Rosenberg, sujeito que desenvolveu aquilo que costuma ser chamado de comunicação não-violenta. É curioso notar que ela nasceu no período em que o anarquismo ainda era uma semente adormecida no adubo dos movimentos de direitos civis, feminista e pacifista. Num de seus áudios, ele comenta que foram duas perguntas que guiaram sua pesquisa. Gosto delas pois dão-me uma ideia do ponto de partida para o qual, quando em dúvida, sempre posso voltar. Elas são mais ou menos assim: 1) por que as pessoas desfrutam ao fazer os outros sofrer? e 2) por que e como algumas pessoas, mesmo nas situações mais difíceis e improváveis, continuam compassivas e abertas para as outras?

A resposta que ele encontrou para a primeira pergunta é surpreendentemente anarquista: gostamos de ver os outros sofrer porque nos últimos dez mil anos temos sido criados numa cultura que ensina, acima de tudo, obediência à autoridade. Autoridades são pessoas que detêm e concentram poder numa sociedade (ou grupo) e elas são a referência do que é certo e do que é errado (qualquer pesquisa histórica mostra que esses critérios são quase sempre arbitrários, inventados da cabeça de quem tá mandando no momento). Essa cultura caminhou por diversos povos e eras e hoje recebe o nome de justiça retributiva: se você age certo, ganha presente; se age errado, leva pau (lembra daquela reunião do coletivo mais importante da sua vida ou daquele dia com a pessoa que você ama? Pois é...). Logo, se vejo uma pessoa fazer algo que considero errado, terei muito prazer em corrigi-la ou em “mostrar o jeito cer-

to”. Mais que isso, é meu dever tornar melhor esse fulano ignorante, anormal, infantil, esquisito, maricas ou machona, branquelo ou preto, que tem pelo demais ou pelo de menos, que fala “ellado”, senta errado, ama errado, e sabe de uma coisa, joga logo no lixo e despacha pra gente não ver como ele vai morrer.

O prazer de corrigir o outro vibra em todas as frequências na sociedade e obviamente está dentro do meio anarquista.

Entretanto, a galera libertária tem uma intuição profunda, quase mística, de que a cooperação pode mover montanhas. Na sua obra Apoio Mútuo, Kropotkin afirma e tenta provar cientificamente que a cooperação também é chave na seleção natural e não apenas a competição: os seres que melhor se ajudam, sobreviverão. Juntar-se por solidariedade é não apenas a necessidade dos fracos (que ganham força com o número), mas é sempre necessário onde não existe concentração de poder ou ele não está concentrado o suficiente para agir sozinho. Concentração de poder, hierarquia e autoridade são algumas das regras desse jogo que a gente sempre vai perder. E esse ponto é fundamental para anarquistas: sempre que qualquer poder se concentra e se cristaliza (numa instituição ou num cargo duradouro, por exemplo), surge a possibilidade tantas vezes comprovada de abuso. Quando a isso se soma o poder estrutural que paira no ar, comumente chamado de privilégio, então o resultado é paradoxalmente obscuro de tão esperado.

Logo, se buscamos que o poder se difunda, oferecer, pedir e aceitar ajuda são práticas muito necessárias, pois promovem a interdependência, multiplicam capacidades e reduzem o peso e o estresse de ter que fazer tudo por conta própria (que é o resultado de querer ser forte sozinho o tempo todo). Pedir ajuda é algo que requer prática, da mesma forma que acei-



tá-la. Para que não vire dívida, a ajuda deve sempre ser uma oferta motivada pela alegria.

E aqui entra uma possível resposta para a segunda pergunta: algumas pessoas conseguem manter-se abertas e ligadas às outras porque estão com sua atenção voltada, a cada momento, para o que elas ou as outras pessoas necessitam de mais profundo. “Quando ouço tal coisa, o que essa pessoa no fundo está precisando?”, “quando eu reajo dessa maneira, qual necessidade me moveu ali?”. Essa é uma hipótese que fica em aberto, que precisa ser verificada a cada vez. Junto com ela vem outra, a de que as necessidades humanas são universais, todo mundo tem as mesmas. Aqui não vou entrar naquela discussão da quinta série sobre quais são “as” necessidades universais. O discernimento poderia acontecer assim: se você acha que uma necessidade é universal (por exemplo, seu desejo de companhia ou de ter um celular novo, etc), imagine se outras milhões de pessoas, em diferentes culturas e épocas, também teriam ela. Será que teriam? Quebre a cabeça nisso e mantenha essa pergunta em mãos quando estiver buscando por quais necessidades estão vivas a cada momento em si e no outro.

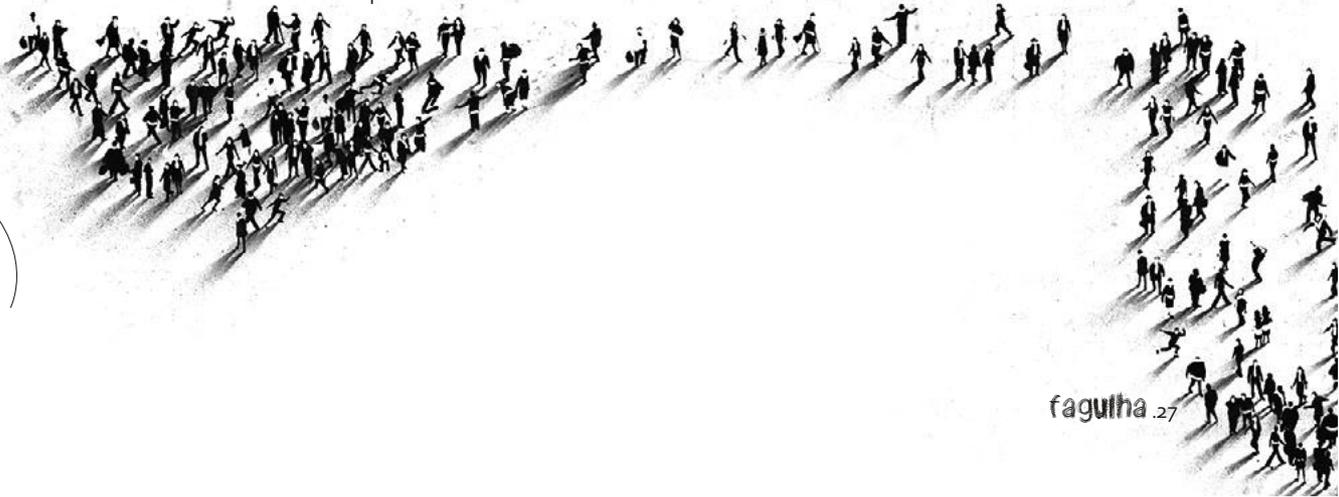
Aprendizagem agora, e depois e depois de amanhã...

Perguntas importantes não precisam de respostas definitivas: elas existem para nos manter em estado de busca. Elas motivam nossa atenção! Por isso, a atenção é algo de situação, instantânea, sempre presente. Não

existe essa de “ontem estive atento pra caramba e agora já entendi como que funciona”. Pelo contrário, ela é uma prática constante. E a importância da atenção é que ela nos deixa vivos, transitórios, mutantes, aprendizes. Nenhuma regra, tradição, instituição, configuração social se mantém fixa e valorizada quando a atenção está desperta. Por inversão, as instituições, hierarquias, relações preestabelecidas de poder só seguem iguais e rígidas por vivermos numa cultura de obediência (logo, de passividade).

Porém, falo aqui de uma atenção plena e não de uma vertente “de esquerda” da atenção (algo que poderia se confundir com preocupação com as questões sociais). Não, a atenção aqui sempre brota da pessoa, qualquer pessoa, em qualquer situação, e não tem nada a ver com ser politicamente correto.

Estar atenta é uma habilidade, um poder cujo desenvolvimento nesse texto está seguindo o rastro da palavra. Entretanto, não estou dizendo que devemos ficar só conversando, que tudo se resolve na fala. Tretas não se resolvem, a sociedade não funciona. Tá na hora da gente largar mão dessa esperança juvenil. Porém, a comunicação é um dos meios necessários e incontornáveis para conseguirmos conviver bem e causar transformações coletivamente (violentas ou não). Nossa coesão depende dela. A atenção, por sua vez, visa tomar boas decisões, sejam elas estudar química, cultivar mandioca, defender-se, estar com crianças, realizar ações diretas, etc. Ela serve de base para agirmos agora e tem tudo a ver com anarquismo!



Uma Taxonomia da ação

Extraído do capítulo 6 do livro Deep Green Resistance: Estratégia para Salvar o Planeta

As estratégias e táticas que escolhemos devem ser parte de uma estratégia maior. Isto não é o mesmo que a construção do movimento; derrubar a civilização não requer uma maioria ou um único movimento coerente. Uma grande estratégia é necessariamente diversificada e descentralizada, e irá incluir vários tipos de ações.

Uma ação eficaz muitas vezes requer um alto grau de risco ou sacrifício pessoal, de modo que a ausência de uma grande estratégia plausível desencoraja muitas pessoas genuinamente radicais de agir. Por que eu deveria correr riscos à minha própria segurança em atos simbólicos ou inúteis?

Quando buscamos estratégias e táticas eficazes, temos que estudar milhões de ações passadas e ações potenciais, a maioria dos quais são ou fracassos históricos ou becos sem saída. Podemos evitar gastar um monte de tempo e um monte de angústia recorrendo a uma taxonomia de resistência simples e rápida. Ao olhar ramos inteiros de ação de uma só vez podemos rapidamente julgar quais táticas são realmente adequadas e eficazes para salvar o planeta (e para muitos tipos específicos de ativismo de justiça social e ecológica). A taxonomia de ação também pode sugerir táticas que nós poderíamos ignorar.

De um modo geral, podemos dividir todas as nossas táticas e projetos em atos de omissão ou atos de comissão.

Claro que, às vezes, essas categorias se sobrepõem. Um protesto pode ser um meio para pressionar um governo, uma forma de sensibilizar a opinião pública, uma tática direcionada de perturbações econômicas, ou todos os três, dependendo da intenção e organização. E às vezes uma tática pode apoiar a outra; um ato de omissão como uma greve de trabalho tem muito mais probabilidade de ser eficaz quando combinada com propaganda e protesto.

Em um momento nós iremos fazer um rápido passeio de nossas opções taxonômicas para a resistência. Mas, primeiro, um aviso. Aprender as lições da história vai oferecer-nos muitos presentes, mas estes presentes não são livres. Eles vêm com um fardo. Sim, as histórias de quem revida estão cheias de coragem, brilho e drama. E sim, podemos encontrar discernimento e inspiração em ambos os seus triunfos e suas tragédias. Mas o peso da história é a seguinte: não existe uma maneira mais fácil.

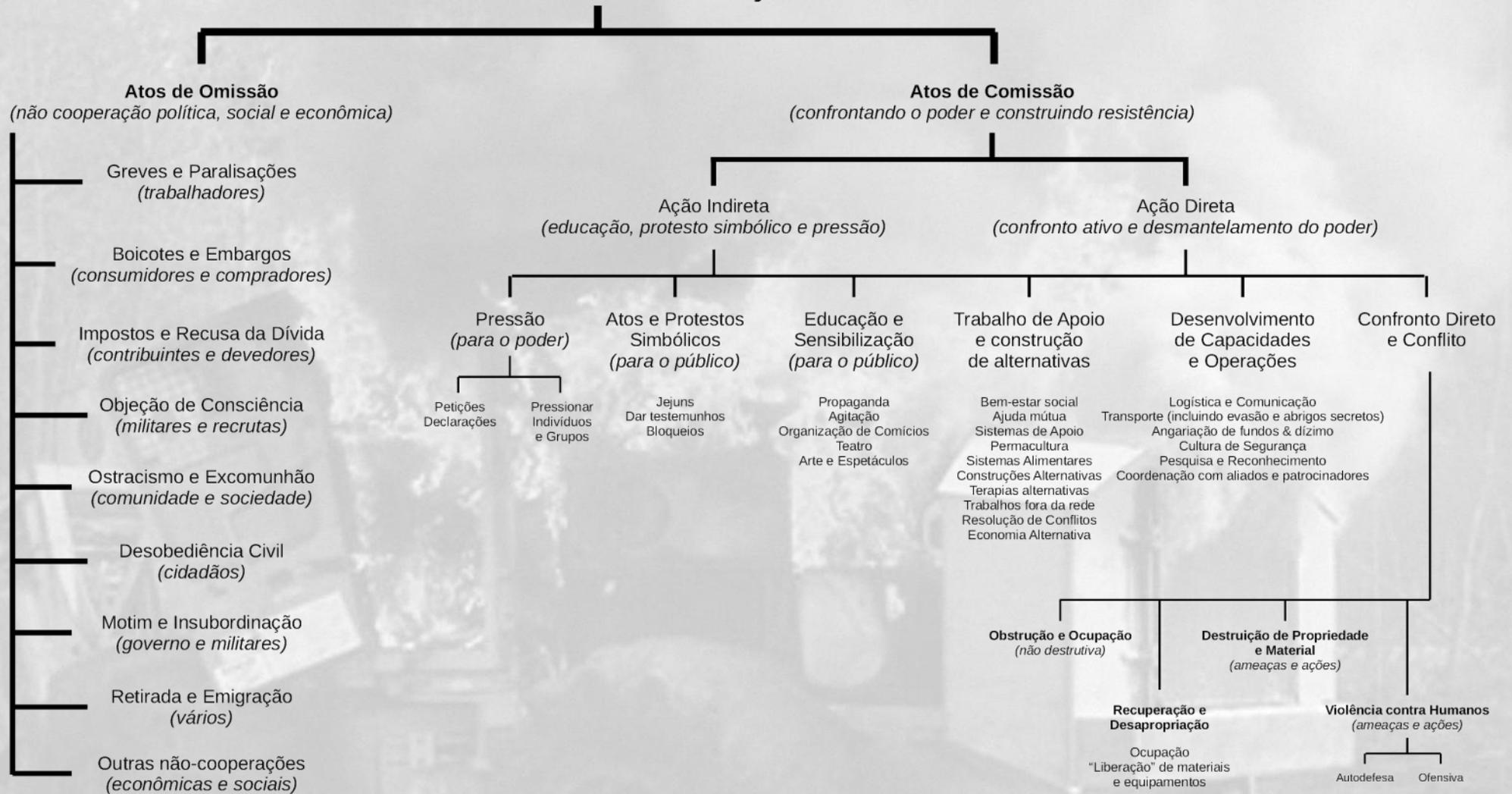
Em Star Trek, todos os problemas podem ser resolvidos na cena final, invertendo a polaridade da matriz defletora. Mas isso não é a realidade, e isso não é o nosso futuro. Cada vitória da resistência foi vencida por sangue e lágrimas, com angústia e sacrifício. Nossa fardo é o conhecimento de que existem contudo tantas maneiras de resistir, que essas formas já foram inventadas, e todas elas envolvem profunda e perigosa

luta. Quando os resistentes ganham, é porque eles lutam mais do que pensavam ser possível.

E esta é a segunda parte do nosso fardo. Uma vez que aprendemos as histórias de quem revida – uma vez que nós realmente as aprendemos, uma vez que choramos por eles, uma vez que as inscrevemos em nossos corações, uma vez que as carregamos em nossos corpos como um veterano de guerra carrega estilhaços dolorosos – não temos escolha, mas revidar nós mesmos. Só fazendo isso podemos esperar viver de acordo com o seu exemplo. As pessoas têm lutado sob as condições mais adversas e terríveis que se possa imaginar; essas pessoas são nossos parentes na luta pela justiça e por um futuro habitável. E nós encontramos essas pessoas – nossa coragem – não apenas na história, mas agora. As encontramos não apenas entre os seres humanos, mas em todos aqueles que revidam.

Devemos revidar, porque se não o fizermos, vamos morrer. Isto é certamente verdade no sentido físico, mas também é verdade em outro nível. Uma vez que você sabe realmente o auto-sacrifício e infatigabilidade e bravura que nossos parentes têm mostrado nos tempos mais sombrios, você deve agir ou morrer como uma pessoa. Temos que revidar não só para ganhar, mas para mostrar que estamos ambos vivos e dignos dessa vida.

Uma taxonomia da Ação



← aumento do número de pessoas necessárias

→ aumento do risco envolvido

FAÇA UMA LISTA DE COISAS
QUE FAZEM VOCÊ FELIZ.

FAÇA UMA LISTA DE COISAS
QUE VOCÊ FAZ TODO DIA.

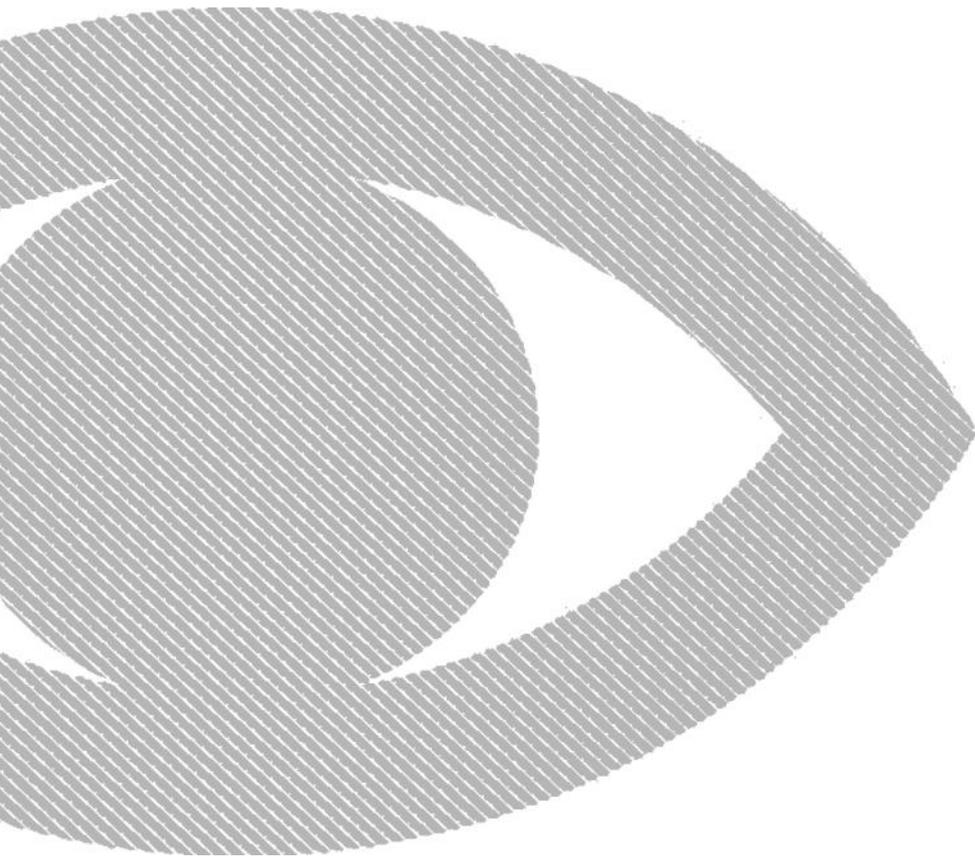
COMPARE AS LISTAS

AJUSTE O NECESSÁRIO



palestra sobre os novos tempos





NADAA ESCONDEO NADAA TEMER

Texto de ~~XXXXXXXXXX~~

Muitas vezes somos levadas a desconsiderar nossa privacidade, seduzidas por aplicativos e serviços que prometem nos conectar a nossas famílias, amigas e até mesmo nos ajudar a conseguir um trabalho. A impressão é que nos conectamos diretamente com quem queremos conversar ou compartilhar aquele meme. Mas será que nosso comportamento seria o mesmo se fosse evidente com quem estamos compartilhando todos esses pequenos detalhes? Será que queremos compartilhar com nosso chefe que estamos matando o trabalho? Com a seguradora que deixamos o carro estacionado na rua? Todos esses pequenos detalhes podem parecer insignificantes, afinal são apenas

memes e conversas sem muita importância. Mas permitir que todas nossas comunicações sejam vigiadas e monitoradas pode ser muito danoso, especialmente em contextos de perseguição política e regimes mais autoritários.

Não há nada de errado em escolher quais informações desejamos compartilhar e com quem queremos compartilhá-las. Na verdade, já fazemos isso diariamente. A maioria de nós não conversa com sua mãe e seu pai sobre sua vida sexual, não dá sua senha do banco só porque alguém pede, não faz cocô com a porta aberta. Se escolhemos diariamente quais infor-

mações queremos que as pessoas vejam ou não nas relações pessoais com nossa família, nossas amigas, quais outras escolhas não faríamos se tivéssemos consciência de todas as formas como nossos dados são usados pelas empresas que nos prestam serviços? Compartilhariamos voluntariamente nossos hábitos pouco saudáveis com nosso plano de saúde? Permitiríamos que milhares de pessoas desconhecidas conheçam nossos itinerários e horários? Por que então que quando se fala em segurança digital uma das respostas mais comuns é “não tenho nada a esconder”? Não pode ser por presumirmos que quem vai ler essas informações é “apenas” o governo e as

1. Se nem mesmo gigantes da tecnologia como Google conseguem impedir o vazamento de dados de milhões de usuárias, o que dizer de todos os aplicativos que instalamos em nossos celulares e que pedem acesso aos nossos contatos, à nossa localização, às nossas mensagens?

Abrir mão da privacidade por acreditar que não temos nada a esconder é como abrir mão da liberdade de expressão por pensar que não temos nada a dizer.



corporações, como se confiássemos cegamente que essas instituições agirão de forma íntegra e impedirão que esses dados caiam na mão de pessoas mal intencionadas¹. Será que é por que a possibilidade de que essas informações sejam usadas contra nós sempre nos pareceu tão remota, afinal vivemos em um regime democrático, no Estado de Direito? Ainda nos sentimos assim agora que Bolsonaro foi eleito presidente?

Bolsonaro e sua camanga querem endurecer a Lei Antiterrorismo, criada no governo de Dilma Rouseff. Com as modificações, propostas pelo decrépito senador gaúcho Lasier Martins², ações do MST e do MTST ou até mesmo um simples protesto contra a corrupção da classe política poderão ser considerados atos terroristas³. O projeto pretende punir até mesmo quem “louvar pessoa, grupo, organização ou associação pela prática de crime de terrorismo”, ou seja, dependendo da interpretação da lei que fizer o

juiz, curtir nas redes sociais uma publicação de uma dessas “organizações terroristas” ou até mesmo comprar arroz orgânico, se o produtor for filiado ao MST, pode ser o suficiente para criminalizar alguém.

Se o sistema judiciário já fez perseguição política durante o próprio governo Dilma, quando Rafael Braga foi condenado por portar uma garrafa de detergente e também quando iniciaram-se os processos contra o grupo dos 23 do Rio de Janeiro, que foram condenados em 2018, por supostas ações durante as manifesta-

ções de 2013 e 2014... Se já em 2017, a polícia alegou que garrafas PET cheias de sacos plásticos eram coquetéis molotov com o intuito de criminalizar anarquistas... O que esperar agora que o resultado das urnas endossou um maluco que defende a tortura e assassinatos extrajudiciais, que invoca a perseguição política? Como você acha que a “Justiça” irá se portar? Será que realmente é preciso cometer um ato ilícito, fazer algo

“importante” para ser vítima dos terroristas de toga?

Pode ser que, ainda assim, não pareça que nossa vida online seja digna de nota, que vá atrair a atenção das autoridades. Mas afirmar que nunca faremos algo do tipo seria admitir que temos sangue de barata, que podem fazer o que quiserem conosco, e mesmo assim, nunca levantaremos nossa voz, nunca oferecemos qualquer tipo de resistência. Assistiremos impassíveis às corporações e ao Estado assumirem controle e realizarem uma vigilância total sobre nos-

sas comunica-
ções é sabotar
quaisquer futu-

ras possibilidades de ação e autodefesa. Pois todas informações coletadas sobre nós neste momento poderão ser usadas no futuro para minar ou mesmo impedir ações que nem cogitamos hoje. Ou até mesmo, se não defendermos de forma ferrenha a nossa privacidade, ferramentas como a criptografia poderão ser completamente criminalizadas, como aconteceu na Austrália. Então o simples fato de escolher não com-

2. <https://www.documentcloud.org/documents/5029672.html#document/pl>

3. Na nova lei antiterrorismo, seus likes podem levar você pra cadeia. **The Intercept**. <https://theintercept.com/2018/11/07/lei-antiterrorismo/>

«Se alguém me der seis linhas escritas pela mão do mais honesto dos homens, encontrarei nelas algo que o mande para a forca.»

— *Cardeal Richelieu em 1641.*

partilhar alguma informação com o Estado será motivo para sermos criminalizadas.

Com o que já têm sobre mim, não faz diferença o que faço daqui pra frente"

Se por um lado algumas pessoas dizem que não têm nada a esconder, outras, mais pessimistas, dizem que agora seria muito tarde para implementar medidas de proteção à privacidade, pois com as informações que já estão disponíveis na rede, elas já estariam comprometidas. Parece improvável que o novo governo irá perseguir todas as pessoas que já disseram ou fizeram no passado algo que as defina como opositoras ao regime (a menos que seja algo realmente muito importante) e o valor da informação se deteriora com passar do tempo. Mas as informações que ele coleta hoje podem comprometer suas ações no presente e no futuro, sua liberdade e a também liberdade de outras pessoas com as quais você se comunica. Sua negligência compromete as pessoas da mesma forma que a negligência delas vai te comprometer.

Se você decidir ficar no Facebook dentro desse novo cenário, por exemplo, tenha em vista que você pode estar expondo todos

os seus contatos, relações, articulações e, mesmo que não vá fazer nada para chamar a atenção do Estado, você pode acabar expondo aquelas pessoas que fariam algo. Por outro lado, se escolher apagar sua conta, o Estado não terá acesso a esses dados tão facilmente. Sim, é possível que o Facebook guarde esses dados e não os delete, como afirma que faz, mas será mais difícil para o Estado e para grupos fascistas acessá-los⁴.

Toda ideia que pressupõe que já perdemos, que não há nada que possamos fazer para nos proteger, é um presente para o Estado, para as corporações e para todo sistema de opressão.

E pense além de você, pense nas pessoas que estão começando a se envolver em política agora. É importante que haja uma cultura de segurança em circulação, para permitir que as pessoas consigam agir com um mínimo de tranquilidade.

Mais poder ao Estado e às corporações

Ademais, informação é poder. Ela vale ouro para as pessoas que estão ou almejam estar no poder. Por muitos anos, o sistema era controlado por quem conseguia melhor utilizar os meios de comunicação tradicionais, rá-

4. Se isso ainda não for argumento suficiente para você, tire um tempo para realizar o *Data Detox* proposto pelo coletivo Tactical Tech: datadetox.myshadow.org/detox



dio, TV, jornais e revistas impressos, seja através de influência política ou financeira. Hoje, como mostraram as campanhas de Trump, do Brexit e do Bolsonaro, isso já está obsoleto. Quem chega ao poder ainda é quem tem mais poder econômico, mas que o utiliza para comprar, coletar e utilizar as informações pessoais de milhões de pessoas.

Quem controla os dados controla a narrativa. A campanha presidencial brasileira de 2018 foi um exemplo gritante disso. Quando quem controla as tecnologias pode controlar o que você vê, os fatos não importam. Quando permitimos que o Estado e as corporações coletem todos nossos dados indiscriminadamente, estamos lhes dando de bandeja mais poder para nos controlar e manipular. É impossível controlar aquilo que se desconhece. Portanto, cada pedaço de informação que conseguirmos manter longe dos olhos e ouvidos dos sistemas de vigilância, é mais um pouquinho de poder que retemos em nossas próprias mãos.

Mudança social e transformação só vêm quando se quebram as leis

Você quer, como nós, ver um mundo com mais liberdade? Justiça? Igualdade? Então se, além de desejar, vamos fazer algo concreto a respeito, provavelmente teremos que quebrar algumas leis, cometer alguns atos considerados crimes. O Estado permite que seus cidadãos e cidadãs lutem por mudanças sociais apenas de algumas formas muito limitadas, como através de petições e manifestações pacíficas. Mas mesmo as poucas formas permitidas por lei estão ficando cada vez mais restritivas. Estão surgindo cada vez mais leis que limitam e criminalizam os protestos de rua, como a lei antiterroris-

mo, que já falamos, e outras que impõem multas e penalidades para pedestres e veículos que bloquearem vias de trânsito sem autorização prévia. Mesmo que em nossa busca por uma sociedade mais justa e igualitária, a gente decida utilizar apenas os meios permitidos pela lei hoje, não há garantia alguma que amanhã essas formas de protesto não serão também proibidas. E aí, o que faremos?

Obstruir vias sem autorização, bloquear o acesso a prédios governamentais e corporativos, quebrar vidraças de bancos, sabotar as engrenagens que oprimem as pessoas e destroem o ambiente natural são formas legítimas, mas geralmente ilegais, de lutar pelo que acreditamos. Esta revista que está em suas mãos, por exemplo, é ilegal. Pois quando a criamos optamos por não seguir os trâmites exigidos por lei, o que daria mais poder para o Estado nos controlar, seja através da burocracia ou da repressão. Em vez disso decidimos criar maneiras de dificultar o controle estatal, de forma que se quiserem nos controlar, teriam que gastar preciosos recursos para isso. Em vez de permitir que o Estado regule e controle nossa atividade, estamos simplesmente o ignorando, tirando dele o poder sobre nossas ações.

As leis são um péssimo parâmetro para usarmos como guia do que é certo e o que é errado. Algumas delas podem inclusive nos colocar em risco sem oferecer nenhum benefício, como ficar parado em seu carro à noite no sinal vermelho em uma rua deserta. Recusar-se a obedecer as leis pode ser uma forma eficiente e prática de deslegitimar o Estado, e que por outro lado empodera muito o indivíduo que se vê livre de restrições e impeditivos. Mas se o Estado sabe tudo que você está fazendo,



Leis são um péssimo parâmetro para usarmos como guia do que é certo e do que é errado.

por onde você anda, com quem você fala, então você se torna um alvo fácil e correrá o risco de perder a sua liberdade.

Retomando o controle

A esta altura, deve ter ficado bem claro para todo mundo que a situação política de um país pode mudar muito rápido. E todas leis, recursos, ferramentas e informações acumuladas por um governo, servirão também ao seu sucessor. E todos os direitos que o Estado promete respeitar e proteger, ele pode também tomar. Mesmo que você ainda acredite no chamado “Estado de Direito”, é sempre bom ter em mente que o amanhã é uma incógnita e todas as suas certezas podem ruir. Então em vez de confiar nossos direitos nas mãos do Estado, não faz mais sentido mantermos nossa liberdade em nossas próprias mãos?

Muitas pessoas ficaram apavoradas com a vitória de Jair Bolsonaro. Se deixarmos, esse medo pode nos pa-

ralisar. Precisamos adotar medidas que aumentem nossa sensação de segurança, para que sejamos capazes de continuar agindo apesar de uma conjuntura mais sombria.

Existem diversas ferramentas por aí, que são feitas por pessoas que, como nós, valorizam a liberdade de escolhermos quem pode ter acesso aos nossos dados e quem não, de forma colaborativa, sem visar lucro. Elas nem sempre são tão atrativas e fáceis de usar quanto os aplicativos e serviços comerciais, que são projetados para nos seduzir, com vastos recursos financeiros. Precisamos fazer uma escolha: ou escolhemos a comodidade, a facilidade, o apelo estético e pagamos por isso com nossos dados (e conseqüentemente com nossa liberdade) ou escolhemos priorizar a nossa privacidade, a nossa segurança, a nossa liberdade e alcançamos isso através de um pouco de movimento. Se queremos a segunda opção, precisaremos nos esforçar, principalmente no início, para aprender a usar essas ferramentas de forma segura e convencer nossos contatos a migrar para esses serviços. Também é importante fortalecermos o desenvolvimento dessas ferramentas, seja apoiando esses projetos financeiramente, com trabalho voluntário de tradução, programação, sugestões e críticas, seja utilizando-os e ajudando na sua difusão e ampliação de suas redes.

Abaixo listamos alguns links com informações sobre como proteger a sua privacidade no meio digital:

- autodefesa.org – oferece dicas básicas e rápidas de segurança digital. Além disso, para aprofundar no tema, compila os melhores guias em português sobre o assunto.
- prism-break.org – oferece uma lista exaustiva de aplicativos e serviços que podem servir como alternativa aos serviços proprietários e corporativos que já utilizamos.
- ssd.eff.org/pt-br – Autodefesa contra Vigilância: Dicas, ferramentas e tutoriais para uma maior segurança nas comunicações online.



Por que um feminismo negro?

por Mara Gomes

Tenho a impressão que essa discussão sobre feminismo, geralmente, se limita apenas a algumas mulheres. Não que seja um feminismo limitado, um feminismo classista, obviamente não, porque a ideia central do feminismo é igualdade, igualdade essa que deve ser de gênero e também entre mulheres. Mas então por que um feminismo negro se esse feminismo deve englobar todas mulheres?

O feminismo tem seu início, como um movimento social, nos séculos XIX e XX quando as mulheres buscavam a igualdade de direitos civis, principalmente o direito ao voto, essa época era chamada de primeira onda feminista. Nesse momento as lutas eram centradas nos EUA e Inglaterra e a mulher negra não se incluía assiduamente nessa discussão, porém não significa que não existiam negras feministas nessa época. A exemplo de Sojourner Truth e Harriet Tubman, além de outras, no século XIX a luta dessas mulheres negras era por uma liberdade diferente. Elas buscavam se verem livres das amarras e dos resquícios da escravidão. Sojourner Truth filha de escravos e ex-escrava foi ativista pelos direitos dos negros e das mulheres e o questionamento que fez em um dos seus discursos mais famosos foi: *Ain't I a woman?* (Eu não sou uma mulher?). A mulher negra é uma mulher igual a mulher branca? Se é, então por que é tratada diferente, por que não tem os mesmos direitos?

Entrando na segunda onda entre 1960 e 1980 a mu-

lher negra ganhou um papel mais forte na história do feminismo, porque foi fundada nos EUA a National Black Feminist Organization em 1973 e, antes disso também, feministas negras haviam aparecido e criado uma literatura nova. Essa fase foi marcada como uma fase de transição, entre o que o feminismo já tinha conquistado na primeira onda, e a libertação sexual feminina. A segunda e a terceira onda coexistiram, foi quando se começou a discutir o que chamamos hoje de "Teoria da diferença" o argumento era que, embora a diferença de sexo recebia toda a atenção, outras diferenças também eram essenciais e deviam ser reconhecidas e tratadas. Audre Lorde foi uma das primeiras a escrever sobre essa ideia, que discutia as diferenças entre as mulheres além do sexo.

Aí então chego na resposta da questão inicial do texto: por que um feminismo negro? A resposta é porque a mulher não é um núcleo fechado, a categoria mulher é cheia de subdivisões e essas subdivisões são de classe, raça, sexualidade, além de outras. O feminismo, no seu início, era apresentado apenas em cima da ideia de separação binária entre homem e mulher, logo não existiam outras ramificações, mas a discussão não para por aí, o gênero é algo muito mais complexo e a mulher não é uma categoria única.

A mulher negra sofre uma dupla opressão, uma por ser negra e outra por ser mulher. Gênero e raça se transpassam e também a classe social, já que por



***"Sou uma Feminista Negra.
Quero dizer que reconheço que
tanto o meu poder como as minhas
opressões primárias são resultado
de ser negra bem como de ser
mulher e portanto minhas lutas em
ambas as frentes são inseparáveis."***

– Audre Lorde

resquícios deixados para nós dos tempos de escravatura a maioria da população negra é pobre, mora em lugares de baixa estrutura e tem o menor índice de educação. Para esclarecer, como já vieram me questionar antes, não estou apresentando aqui uma hierarquia de opressão, muito pelo contrário. A opressão da mulher negra não é mais importante que a opressão da mulher branca, porém a mulher negra carrega outras questões que não atingem diretamente a mulher branca. Questões essas que nos transpassam além do gênero e que devem ser discutidas com um viés diferente.

Não vemos mulheres negras na mídia, do mesmo jeito que vemos mulheres brancas. Não vemos muitas mulheres negras na faculdade, como não vemos negros em geral, mas vemos homens brancos e mulheres brancas. Em um país onde a população de negros compõe mais de 50% e que números como a taxa de desocupação entre mulheres negras chega a 12,4%, contra 9,4% entre mulheres brancas e a renda média das mulheres negras é de R\$ 436, contra R\$ 649 dos homens negros, R\$ 797 das mulheres brancas e R\$ 1.278 dos homens brancos, há com certeza alguma diferença a ser discutida (dados do IPEA 2007).

Outro dado também é que as mulheres pobres – e particularmente aquelas que são negras – estão entre as principais prejudicadas pela ilegalidade do aborto no país. Pois são essas mulheres que por não terem dinheiro buscam apoio em clínicas clandestinas mais baratas, precárias e com falta de higiene.

São muitas questões e se enumerá-las todas aqui é capaz que esse texto não encontre nunca o seu final. Há uma diferença além da diferença de gênero perpetuando o feminismo, por isso há a necessidade de um feminismo negro, por isso precisamos discutir uma lógica que dê conta das questões de classe e de raça. Vivemos todos em um sistema patriarcal, classista e racista, por isso estamos vinculados a esses inúmeros preconceitos e falhas graves nas estruturas do Estado. Portanto nosso papel como mulheres, pretas, índias, brancas, pardas, amarelas e feministas é lutar contra essas amarras sociais e discutir sempre o porquê dos preconceitos, o porquê de estarmos tão presos a essa lógica burra que gere a sociedade em que vivemos.

O feminismo negro está aí para reforçar essa idéia de luta, abraçando questões que nem sempre são abraçadas e analisadas, mas estamos todos juntxs na mesma luta, sem hierarquia de opressão, sem nenhum desfavorecimento, estamos todxs unidxs contra o mesmo inimigo, o patriarcado e por fim também estamos lutando juntxs na mesma luta contra o preconceito de gênero, classe e raça.



HOMENS ABUSIVOS QUE USAM DO FEMINISMO PARA CONSEGUIREM IMUNIDADE

por Aline Rod

Alguns homens se beneficiam ao usarem do feminismo para conseguirem imunidade. São homens que não diferem de outros abusam de mulheres, porém descobriram que “apoiando” o feminismo eles nunca serão descobertos nem cobrados. São homens que lançam textos sobre feminismo ou discursam feminismo mas nunca tiveram nem de perto a tentativa de se retratarem com as mulheres que eles abusaram. Isso nos mostra que ele não está interessado em praticar o discurso, nem apoiar as mulheres, mas se livrar da culpa. O que só mostra seu grau de manipulação, só confirma o quanto foi abusivo. Só comprova que ele continua sendo abusivo ao seguir passando por cima dos sentimentos e da realidade das mulheres que ele abusou, sem nenhum escrúpulo. Ora, se esse homem se dá ao trabalho de ler textos sobre abuso e distribuí-los ou discursar sobre feminismo, significa que ele tem acesso para entender a questão. Mas muito pelo contrário, ao invés de procurar entender o que é de fato abuso, ele escolhe continuar sendo um homem manipulativo, logo, abusivo. Ele continua desta forma que escolheu – de fingir que nada aconteceu e ainda

adentrar no feminismo como cooperador – a causar danos no psicológico da mulher que ele abusou, pois além de ter sido abusada, ela agora tem que lidar com o total apagamento dos abusos que sofreu, e ainda vê-lo procurando ser reconhecido como apoiador da luta das mulheres. Mais uma vez o patriarcado exige apenas dela que resolva sozinha os seus traumas. Mais uma vez ela tem que achar forças para enfrentar uma nova batalha.

O comportamento manipulativo e narcisista de seu abusador tá sempre lá presente ao alcance deste para que possa se beneficiar, para conseguir algo em troca, para conseguir o que ele deseja e só o que ele deseja (característica do seu narcisismo), e para que se mantenha na mesma posição social que tinha antes de cometer os abusos.

Algumas pessoas vão dizer que bastava então as mulheres abusadas por esses homens fazerem denúncias. Bastava mesmo? Elas por acaso não as fazem? Quantas mulheres denunciam seus abusadores e são tachadas de exageradas, vingativas, rancorosas e mentirosas? Quantas mulheres depois dos abusos

que sofreram ainda tem que lidar com estar constantemente tendo que provar para todo mundo que o que lhes aconteceu é verdade? Quantas mulheres ficam estigmatizadas e são ostracizadas por denunciarem abuso enquanto seus abusadores não só se safam mas recebem solidariedade da comunidade? Quantas vezes a mulher mesmo que não faça uma denúncia numa escala pública, aberta, fala sim para amigos mais próximos ou em comum com seu abusador e tem que ver o mesmo continuando receber o mesmo tratamento sem nenhuma ressalva por parte de nenhuma dessas pessoas? Nem todas as mulheres estão também dispostas a se exporem, principalmente porque sabem que não serão apoiadas.

E por que a responsabilidade disso tudo fica com a vítima do abuso?

O que a sociedade está querendo nos dizer?

A obrigação não está na mulher em fazer a denúncia, mas deveria estar nos homens não cometerem abusos e se cometerem se responsabilizarem por isso. Isso não é dizer que as mulheres não devem denunciar, de forma alguma, isso é tirar a responsabilidade exclusiva dos ombros das mulheres abusadas e também compreender as que não se sentem seguras para fazê-lo.

É muito comum homens que cometeram abusos preferirem enxergar que o que aconteceu foi uma questão pessoal, uma coisa entre homem e mulher, das “relações interpessoais”, e falham em compreender que o que aconteceu foi completamente fruto do patriarcado, que enquanto lhes beneficia, tem desfavoráveis consequências materiais e específicas às mulheres dentro deste mesmo sistema.

Mas esses mesmos homens (pasmem!) discursam também sobre a estrutura do patriarcado! Como se ele tivesse imunidade, como se ele não tivesse colaborado e não seguisse colaborando com essa estrutura. Então o homem abusador que defende que se deve meter a colher na violência contra a mulher, que demonstra ter consciência de que o pessoal é político, por quê ele de repente tenta a todo custo defender que o que ele fez foi meramente a nível humano, natural e

pessoal, e procura agora separar o pessoal do político? Para esta eu tenho a resposta: por conveniência e covardia.

É conveniente oscilar entre o que é pessoal do que é político quando se trata de você mesmo. E é covardia desde quando ele se utilizou da manipulação, e segue incessantemente com o seu comportamento covarde. Eu acho que é muito triste, não me dá nenhuma alegria escrever este texto nem recompensa. Mas está feita a denúncia. Esta é a minha denúncia, contra todos os homens que se safam dos abusos que cometem, saibam vocês que nós sabemos muito bem o que aconteceu. E se lhes resta um pingote de dignidade admitam que o que fizeram foi abusivo, lembrem do que acontecia durante o tempo que se relacionavam, lembrem das mentiras relevantes e graves, e igualmente das atitudes, que como consequência, só estendeu o prazo de validade da manipulação que se operava. lembrem dos impedimentos que criaram sejam nas escolhas que suas parceiras faziam, seja nas roupas que vocês criticavam ou no comportamento delas com o intuito de controlá-las. Lembrem de como vocês as usaram para prazer pessoal ou para outros fins quando ao mesmo tempo desconsideravam as necessidades ou dificuldades delas. lembrem daquele momento que vocês já sabiam o que tava acontecendo mas optaram por deixá-la no escuro e a enganaram até o fim, mas não vacilaram de forma alguma, de sugá-la até drená-la quase que completamente porque “sua companheira” estava ali para te servir e nutrir afinal das contas. Lembrem de que foram vocês que continuaram andando pelos mesmos espaços que tinham em comum enquanto ela teve que se retirar, e não esqueçam que muitas vezes esses espaços eram o ganha pão dela, e aqui vale lembrar que as mulheres tem menor poder econômico em comparação aos homens. Lembrem do que vocês faziam no foro íntimo, quando sua parceira estava dormindo. Porque elas não esqueceram, e ao contrário de vocês, elas se culpabilizam por “terem deixado chegar até aquele ponto”. O patriarcado é tão cruel que a culpa sempre fica com a mulher. Foi ela em fim que aguentou porque quis.

Pedagogia Libertária

Uma proposta autogestionária.

Texto de Fulvio Pelli.



A pedagogia libertária é uma proposta com vertentes antiautoritárias, dentre elas o anarquismo, o construtivismo e os professores progressistas. Pensadores anarquistas como James Guillaume, Proudhon, Roorda, Ferrer, Bakunin, entre tantos outros intelectuais, preconizaram a pedagogia libertária como um método de ensino que oferece aos discentes um ambiente livre do autoritarismo, que os professores em determinadas situações, impõem aos seus alunos. Ao contrário da injunção, da deliberação individual do professor às questões comuns entre ele e seus discentes, vem as decisões horizontais, que a partir de assembleias, todos têm o ensejo para sugerir, opinar, justificar e argumentar suas propostas, como também o direito de contrariar ideias adversas às suas. Decisões democráticas a partir de eleições não contemplam a minoria, que muitas vezes pode ter argumentos mais eloquentes do que a maioria, tornando a democracia em uma “ditadura da maioria”. Em um ambiente com práticas libertárias, as tomadas de decisões, por exemplo, são discutidas entre todos a partir de assembleias, e a deliberação acontece quando a classe, de forma unânime, acorda com a proposta da pauta. Caso alguém se contraponha à maioria, esse apresenta seus argumentos, a questão é retomada e novamente discutida, podendo ou não haver mudanças nas decisões finais.

Toda e qualquer ameaça, obrigação, prêmio e punição, antagoniza a liberdade e a autonomia que o estudante precisa para seu pleno desenvolvimento. Inibir a réplica, coibir uma contrariedade, sublinhar o negativo, onde o docente assume uma postura autoritária e ditatorial contrapondo-se à vontade de todos, muitas vezes nem ouvida, torna o aluno incapacitado para expressar seus sentimentos, ameaçado por algum termo pejorativo ao errar uma questão que não decorou, depreciado por aquele que deveria ser seu motor de otimismo, perseverança e coragem. A ausência de afeto, amizade, ternura, entre tantas outras faltas de demonstração de carinho dos professores pelos alunos, cria um abismo imensurável na relação entre docentes e discentes. O encontro saudável entre ambos é fundamental para que efetivamente aconteça o aprendizado inesquecível, divertido, prazeroso e significativo. A pedagogia libertária sugere a comunicação não violenta para que haja uma sintonia e amorosidade diminuindo possíveis conflitos, e esses existindo, possam ser solucionados com mútuo respeito.

Os conteúdos massificados propostos nos livros didáticos são muitas vezes extenuantes e precisam obedecer um tempo que provavelmente passará tão rápido que os alunos dificilmente irão assimilar importantes conceitos e fundamentos, para aplicarem em novos desafios. Os imensos questionários apáticos não instigam a investigação, a pesquisa, nem mesmo exigem o entendimento sobre o conteúdo, impermeabilizando o ensino. Na pedagogia libertária a assimilação do conteúdo acontece de forma integral, ou seja, os trabalhos intelectual e braçal facilitam para a construção do aprendizado, não há divisão entre o pensar e o agir. As questões são respondidas após os resultados evidentes de uma série de experiências realizadas durante o processo de investigação. O papel que o docente libertário assume nos encontros com seus alunos é de se posicionar como um orientador, que possa facilitar e direcionar o ensino para que o aluno seja capaz, gradualmente, de investigar e pesquisar com autonomia. O docente apenas aponta o caminho que seus estudantes podem ou não seguir para assertividade e êxito de suas experiências, e auxilia na compreensão de conceitos e fundamentos aplicados na atividade proposta. O educador libertário não sugere respostas aos alunos, pelo contrário, mais indaga do que responde, procurando estimular a busca, por eles mesmos, de soluções para os problemas propostos.

As avaliações que somam resultados, contando erros e acertos, aprovando ou reprovando, pouco contribui para o desenvolvimento do aluno, pois poderá repetir o ano com o mesmo método que “impediu” seu avanço escolar. Muitas vezes o aluno é avaliado uma única vez a cada bimestre, e de uma única forma ou seja, a escrita. Responde o questionário previamente decorado, aponta falso ou verdadeiro, assinala uma alternativa e pronto, está avaliado. Não importa as condições emocionais do aluno no momento da prova, o professor não permite que o discente expresse outra forma de aprendizado, e não realiza uma avaliação sobre a maneira como está oferecendo o ensino para seus alunos. Diferente disso tudo, a avaliação for-

mativa permite que o docente “avaliar” seus alunos de diversas maneiras em diferentes momentos. Observa-se, nos discentes suas habilidades, seus comportamentos, a assimilação de conceitos e fundamentos a partir de atividades práticas, participação nos encontros, perguntas elaboradas por eles mesmos e respostas aos estímulos das indagações que surgem durante as investigações, sempre evidenciando os acertos e os avanços conquistados pelos alunos. Mostra-se o erro como resposta natural que ocorre no processo de qualquer aprendizado. O erro não é encarado como uma frustração, mas sim como um resultado significativo para futuros acertos, encorajando-os em novas tentativas. Portanto, o medo de errar não está presente em um ambiente pedagógico libertário.

A interdisciplinaridade é intrínseca ao aprendizado. A pedagogia libertária sugere o ensino por meio de projetos. Desta forma o discente sente-se livre para abraçar uma ideia que inicialmente acredita possuir afinidade. O projeto pode ser uma horta orgânica, um protótipo de robótica, o aprimoramento de algo que já existe, um brinquedo, etc. O aluno, em um ambiente propício para o avanço de seus projetos, provavelmente terá maior interesse e conseqüentemente maior possibilidade em aprender e compreender conceitos que em outros momentos não permitiu.

Conclui-se que a pedagogia libertária é uma proposta anti-autoritária, em que os alunos aprendem a aprender, tornando o ensino mais significativo, divertido, prazeroso, formando seres autônomos e seguros para tomarem suas próprias decisões, livres da obediência sem sentido.



Encontrando o
amor
revolucionário
em um mundo de profunda alienação

Ame. Quantos poemas foram escritos, quantas peças de arte foram criadas, quanta tinta foi derramada sobre o amor? Há alguma razão pela qual a humanidade, desde sempre, tentou descobrir os segredos e a magia por trás do amor. Ao mesmo tempo, o significado e a substância do amor ainda permanecem um mistério. Hoje, nos deparamos com muitas definições diferentes de amor. Às vezes dizem que o amor poderia salvar a todos nós, às vezes nos é dito que o amor é cego. Às vezes o amor dói, às vezes o amor significa cura. Mas de que tipo de amor estamos falando e sob quais condições o amor é significativo e gratuito?

Quando conversamos e pensamos sobre o amor, temos que considerar as condições sociais e políticas do nosso tempo. Em uma sociedade moldada pelo capitalismo, egoísmo, sexismo e (auto)alienação, o significado e a substância do amor tornam-se cada vez mais obscuros e inescrutáveis. Nós mal podemos compreender e experimentar o amor. O que significa amar, nessa exaustivamente bem treinada bagunça onde nos encontramos trancados entre anonimato, consumo excessivo, exploração e guerra? É frequentemente o caso, e talvez até compreensível, que nosso próprio conceito de amor seja desenvolvido para escapar da vida social e construir uma pequena e segura bolha de amor em meio a uma sociedade violenta e egoísta. Mas esse tipo de abordagem ao amor irá, mais cedo ou mais tarde, levar à frustração e ao desapontamento.



Não só as relações românticas, mas também a relação entre pais e filhos, entre os seres humanos e a natureza e entre o indivíduo e a sociedade, devem ser analisadas e revolucionadas para libertar-se dos grilhões do sistema capitalista e possibilitar o verdadeiro amor. Quando a sociedade dominante fala sobre amor, eles geralmente se referem a um relacionamento monogâmico e heterossexual entre uma mulher e um homem. E ainda, mais frequentemente do que não, esses são os que estão mais distantes do amor. O sexismo e a violência sutis, vestidos de amor, fazem parte da realidade de muitos dos chamados "relacionamentos românticos". A grande mídia e a literatura geralmente romantizam e idealizam o assédio, as agressões sexuais e os papéis de gênero. Portanto, o amor deve ser analisado considerando os mecanismos do sexismo, que afastam o amor de todos nós.

A rivalidade e isolamento das mulheres* é uma das ferramentas mais antigas e mais fortes do patriarcado. A luta contra o sexismo exige uma luta contra a cultura de envergonhar as mulheres, o que impede que haja um movimento feminista baseado na solidariedade entre as mulheres. Neste contexto, as mídias sociais têm desempenhado um papel importante nos últimos anos. Muitas autoras feministas, jornalistas, blogueiras e ativistas puderam influenciar o desenvolvimento de uma consciência feminista em desenvolvimento. A variedade de questões discutidas, incluindo também as perspectivas queer, anticolonialista, antirracista e anticapitalista sobre o feminismo, foram disponibilizadas através das mídias sociais e nos proporcionaram a grande oportunidade de nos

conectarmos e nos organizarmos globalmente. Em vez de intensificar o foco excessivo na beleza física e no consumo, o potencial das mídias sociais pode ser direcionado para o empoderamento e a solidariedade, a fim de fazer emergir e crescer o amor revolucionário.

Mas acima de tudo, é o homem patriarcal que tem que reaprender o amor e experimentar uma revolução interior. As normas sociais que foram impostas aos homens devem ser rejeitadas e combatidas. Para verdadeiramente



amar e respeitar alguém, não importa de que maneira, o homem patriarcal tem que ser destruído. É claro que isso não significa que os homens devam morrer, isso significa que a masculinidade e a personalidade sexistas e hegemônicas devem ser combatidas. Para amar de maneira significativa, o desejo de controlar e estar no poder tem que ser abandonado

para sempre. As tradições e mentalidades patriarcais dominantes devem ser quebradas. "Relacionamentos românticos", que muitas vezes estão longe do amor, são em muitos casos baseados em papéis de gênero, lutas de poder e violência de todos os tipos. O casamento é frequentemente visto como um evento na vida que traz segurança e amor. No entanto, o casamento é um dos meios mais importantes de opressão contra as mulheres*, a sociedade e a juventude. Devido à romantização do casamento, muitas pessoas desconhecem as raízes e a natureza patriarcal desta instituição. Muitos de nós não estamos cientes o suficiente do fato de que o casamento é uma ferramenta do patriarcado e do capitalismo que força as mulheres a desempenhar seu papel de reprodutor do lar, uma forma de trabalho não remunerado. Não importa quão alternativa e democrática o casamento seja organizado, ele ainda permanece uma instituição do sistema patriarcal, mas o amor nunca pode ser institucionalizado, especialmente nos estados da modernidade capitalista. Mas também deixando isso de lado, podemos ver a violência em muitos relacionamentos e casamentos.

A socialização sexista das pessoas muitas vezes leva os homens a acreditarem que é normal ser violento e abusivo, e do outro lado leva as mulheres a pensarem que têm que suportar violência e abusos sexuais, físicos e verbais. E esse é apenas um dos muitos problemas.

Outra realidade que vem moldando a sociedade industrializada há mais de um século é o crescente anonimato e alienação entre as pessoas. Os fascinantes poemas e obras de arte do período expressionista na Alemanha no início do século XX mostram-nos como toda uma geração de artistas e poetas se sentiu ameaçada pela vida nas grandes cidades, moldada pela auto-desintegra-

O amor romântico não irá nos salvar do isolamento e da solidão



44. faguina

ção, isolamento, medo e sensação de que o mundo vai acabar. Hoje, a vida anônima nas grandes cidades é uma realidade para muitos de nós. Só recentemente um camarada me disse: "No mundo capitalista você poderia morrer em sua casa e ninguém notaria por meses". Há muita verdade nessas palavras. Muitas vezes estamos confortáveis com a experiência de isolamento e solidão, porque ninguém vai intervir em sua vida ou ficar no seu caminho, ninguém vai exigir nada de você. Você pode até morrer em sua casa e ninguém se importaria. Mas o vazio e a falta de sentido irão, mais cedo ou mais tarde, assumir o controle. Perde-se a visão do significado de sua própria existência e vida. E quanto mais nos afastamos da sociedade e da vida social, mais infelizes ficamos, e a vida mais sem sentido.

O amor, entendido como uma energia livre e corajosa com calor e solidariedade, dá sentido. Aqueles que conhecem o amor, aqueles que entram em contato com a magia do amor, não mais procurarão um sentido mais elevado na vida. Não em dinheiro, riqueza e lucro, mas no amor encontramos vida e liberdade. Essa pode ser a razão pela qual tantas pessoas depositam sua esperança em arrastar outra pessoa para seu isolamento. Mas não importa onde haja uma ou duas pessoas envolvidas, o isolamento será isolamento. O amor não pode prosperar em isolamento. Não estar ligado à vida coletiva e às comunidades levarão à frustração e insatisfação. Isso pode ser observado quando se olha a relação entre pais e filhos. Quando os pais continuam tentando tomar posse de seu filho e mantê-lo longe da sociedade, é provável que a criança tenha medos e mantenha distância da sociedade sem poder desenvolver sua autonomia. No entanto, uma criança que cresce em uma comunidade amorosa e solidária aprenderá sobre o valor do amor, da vida coletiva e da solidariedade.

Quando as pessoas se amam, elas não devem se ver como uma fuga de sua solidão. Elas não de-

vem consumir uma à outra, pois amor não é consumo. Estamos acostumados ao consumo, admitamos ou não. O capitalismo nos treina para calcular tudo, é por isso que também começamos a cobrar e calcular quando se trata de amizades e amor. Quando alguém nos desaponta ou nos magoa, ou não "atende às nossas expectativas", tendemos a tratar essa pessoa como um desperdício. Estamos zangados conosco mesmos por termos "investido" tempo, confiança e amor, como se nosso amor tivesse algum tipo de valor de mercado ou como se nosso amor fosse limitado. Mas o amor não significa encontrar uma possessão, se maquiar e se vestir como gostamos e jogar tudo fora assim que não nos agrada mais. Amor significa lutar, e não é apenas lutar contra, mas lutar por algo em primeiro lugar. O amor tem que lutar para se realizar. E isso não se aplica apenas a relacionamentos românticos, mas a todos os tipos de relações. Nós tendemos a fugir assim que algo não funciona do jeito que queremos. O anonimato e a opção de nos isolar nos dão o conforto de recuar e escapar dos problemas. Fazendo isso, tendemos a pensar muito em nós mesmos, e é por isso que nos colocamos fora do "perigo social" de sermos criticados. Porque afinal de contas, existe a bolha única e segura que podemos rastrear de volta. Esse tipo de medo geralmente nos mantém longe do amor verdadeiro e profundo.

Mas, embora seja uma tarefa muito difícil essa de superar o isolamento e a alienação sob o capitalismo e a mentalidade do patriarcado de 5 mil anos, é possível abandonar velhos hábitos, comportamentos e crenças, renovar-se e revolucionar completamente nosso coração. A juventude é, como escreve o ativista preso do Movimento dos Panteras Negras, Mumia Abu-Jamal, o portador natural da energia revolucionária, ela é capaz de nos mudar diante de forças avassaladoras, usando nossos corpos – fervilhando de transformações revolucionárias – para mudar ambientes e promulgar mudanças sociais. Se a juventude cumpre essa

mudança radical, ela carregará o mundo inteiro e dará o nascimento de uma nova sociedade construída sobre o amor verdadeiramente revolucionário. Para realizar o amor entre duas pessoas, não é apenas essencial que cada uma delas sofra uma mudança. Uma rebelião coletiva também tem que emergir. Às vezes isso também pode significar lutar umas contra as outras. Lutar umas contra as outras não significa odiar umas às outras, mas lutar contra o sexismo internalizado através da (auto) crítica. As condições que tornam o amor quase impossível não devem ser aceitas. Nossa camarada Mehmet Aksoy (Fîraz Dag) deixou para trás algumas palavras poderosas: "Não se renda ao capitalismo, não se renda ao materialismo, aos relacionamentos feios, à falta de amor, ao desrespeito, à degeneração e à desigualdade. Não se renda". Alguém que realmente ama deve lutar contra todos esses mecanismos que estão no caminho do amor. Libertar esses mecanismos e rebelar-se contra eles é uma das nossas responsabilidades como jovens revolucionários. Os ideais de uma sociedade livre devem ser buscados e realizados coletivamente. Tudo o mais não pode ser aceito se quisermos dar um significado ao amor.

O amor é semelhante a uma revolução. Ambos estão sujeitos a equívocos. Assim como uma revolução nunca deve terminar em um certo ponto, o amor não deve terminar em um determinado momento também. Muitas pessoas pensam que uma revolução é um incidente, apenas um momento em que tudo muda. Mas a história e também os movimentos revolucionários atuais nos ensinam que uma revolução é mais um processo do que um incidente. Uma revolução, como podemos ver em Rojava (Norte da Síria), deve ser um processo permanente que inclui todas as partes da vida e da sociedade, de modo que os ideais que foram combatidos continuem a serem vívidos e significa-

tivos. O mesmo se aplica ao amor. O amor não é um incidente, não é um acontecimento. Quando se fala de amor romântico, por exemplo, o amor não significa apaixonar-se uma vez e depois repousar sobre esse "evento". O amor não é estático. O amor envolve atividade, o amor é energia fluída. Amor significa ser capaz de enfrentar novas situações e desafios, pois o amor dá a força necessária. Verdadeiramente o amor significa apoio mútuo e respeito, significa ter coragem e honestidade, significa levar o amor ao mundo e também nutrir e amar a comunidade ao mesmo tempo. Como o filósofo e psicanalista Erich Fromm coloca: "Se eu realmente amo uma pessoa eu amo todas as pessoas, eu amo o mundo, eu amo a vida. Se eu posso dizer a outra pessoa, "eu te amo", eu devo ser capaz de dizer: "Eu amo em você todo mundo, eu amo através de você o mundo, eu também amo você em você mesmo".

Estamos longe de ter dito tudo o que há para dizer sobre o amor. Embora, para começar, devamos entender que amar requer consciência, moral e vontade de mudar a si mesmo e à sociedade. Em uma sociedade que é caracterizada pelo egoísmo, rivalidade e medo, o amor não pode florescer. Quem luta pelo amor não conhece mais os medos e obtém a força necessária para pavimentar o caminho para uma sociedade livre. O amor é uma força mais forte que a raiva, o medo ou o ódio. Construir algo pode ser mais difícil, mas é muito mais forte do que destruir algo. E isso pode ser uma das coisas mais bonitas que podemos aprender com o movimento curdo. Um slogan do movimento curdo diz: Se você quer viver, viva em liberdade! – Da mesma forma que nós jovens, feministas, filósofas, artistas e revolucionárias podemos dizer:

**Se você quer amar,
ame em liberdade!**





CASOS ISOLADOS

As "autoridades" nos dizem que a tortura, assassinato, sequestro e outras ações violentas cometidas por policiais são "casos isolados". Esta coluna faz uma cronologia de apenas alguns desses "casos isolados" que ocorreram durante a elaboração desta edição da revista.

27/01 – Magé, RJ – Menina de 10 anos filma PM estuprando-a em casa. Os abusos aconteciam desde que ela tinha setes anos.

31/01 – Colniza, MT – jovem de 17 anos é agredido por policiais civis com socos, tapas, chutes nas costelas e asfiziado com saco plástico.

01/02 – Otacílio Costa, SC – vídeo mostra PMs invadindo casa por causa de som alto, agredindo e ameaçando moradores.

15/02 – Passo Fundo, RS – Brigada Militar ataca 12 famílias do povo Kaingang com balas de borracha e gás lacrimogênio, ferindo crianças e idosos. Um ancião foi espancado até desmaiar, outro senhor foi torturado com pelo menos treze disparos de bala de borracha no joelho e um rapaz acabou sendo ferido na perna por disparo de bala letal. Os policiais ainda ameaçaram as famílias dizendo que se voltas-

sem lá "sairão em caixões".

16/02 – Curitiba, PR – delegado e dois investigadores da Polícia Civil foram condenados por torturar suspeitos de envolvimento na morte da adolescente.

19/02 – Icó, CE – PMs atacam com balas de borracha e spray de pimenta professoras que manifestavam contra decreto da prefeitura que reduzia em 50% seu salário. Algumas foram parar no hospital.

22/02 – Rio de Janeiro, RJ – depois de pegar táxi no aeroporto, a judoca Rafaela Silva, teve seu veículo parado e foi interrogada pois os PMs acharam que o motorista tinha "pego ela na favela."

01/03 – Castro, PR – policial é preso por aparecer em vídeo torturando adolescente, o vídeo foi feito por outros policiais que apenas observavam.

10/03 – Rio de Janeiro, RJ – policiais entram na comunidade de Acari atirando, invadindo casas e quebrando móveis de moradores. Os PMs afirmaram que só iriam embora "quando matassem três ou quatro por aí".

14/03 – Rio de Janeiro, RJ – a vereadora Marielle Franco e seu motorista são executados por milícia comandada por ex-capião do BOPE, dias depois de ela denunciar violência policial.

14/03 – Baixada Fluminense, RJ – cinco policiais são presos acusados de envolvimento com grupo de milícia envolvido em homicídios.

20/03 – São José, SC – policiais sem identificação agredem e assediaram participantes do Slam Continente, roubando o celular de um rapaz que filmava a ação.

26/03 – Rio de Janeiro, RJ – PMs

agredem e removem celular à força de mulher que filmava ação policial na Rocinha.

26/03 – DF – policial civil atira em taxista durante briga no trânsito.

??/05 – Rio Branco, AC – três PMs espancam e torturam um homem, que teve seus punhos pregados ao chão em formato de crucifixo, foi espancado e teve seu nariz quebrado.

02/05 – Tabatinga, AM – três policiais federais são denunciados por torturar homem com chutes e tapas.

04/05 – Ceilândia, DF – policial militar executa sua ex-namorada e dispara três vezes contra professor de academia.

18/05 – Campo Grande, MS – policial civil é preso por pedofilia.

29/05 – Imperatriz, MA – três PMs são presos por homicídio.

??/05 – Rio de Janeiro, RJ – Indo para a escola, Marcus Vinícius, 14 anos, foi morto com um tiro de fuzil durante operação policial na Favela da Maré.

03/06 – Salvador, BA – policial agride mulher grávida com tapas, socos e puxões de cabelo após ela protestar contra prisão de jovem que fumava um cigarro de maconha.

07/06 – São Paulo, SP – PM é ameaçado de morte por seus colegas após uma foto sua de farda beijando outro homem viralizar na internet.

10/06 – Criciúma, SC – professor negro é agredido por três PMs com chutes e pontapés.

11/06 – Cuiabá, MT – policiais militares a mando de fazendeiros ameaçam, torturam e mantêm em cárcere privado famílias que participam de assentamento.

18/06 – Juazeiro do Norte, CE – PMs chutam e dão socos em homem preso.

20/06 – Rio de Janeiro, RJ – tiros dados de dentro de um blindado da PM atingem um menino de 14 anos que ia para a escola na comunidade

da Maré. O menino morreu enquanto ambulância foi bloqueada pela PM na entrada da comunidade.

21/06 – Teresina, PI – policiais derubam professora e quebram seu fêmur, durante protesto na Assembleia.

24/06 – Várzea Grande, MT – PM arranca mulher pela janela de carro puxando-a pelos cabelos, foi espancado e teve seu nariz quebrado, levou socos e um policial pisou em seu pescoço. Na delegacia ela foi novamente espancada com socos, chutes e puxões de cabelo e ameaçada sob a mira de uma arma, enquanto seu marido levou socos, foi atingido com spray de pimenta e foi obrigado a limpar seu próprio sangue do chão da delegacia com sua camisa. Na mesma noite, um jovem foi agredido com cabo de aço e seu amigo teve a mão queimada com maçarico pela polícia.

??/06 – Cariacica, ES – PMs matam aposentado que estava dentro de sua residência.

06/07 – Brasília, DF – PM agride homem imobilizado com a clavícula quebrada dentro de hospital.

06/07 – Taguatinga, DF – dois policiais à paisana, armados e, segundo testemunhas, embrigados, abordam ônibus e aterrorizam passageiros.

06/07 – Macapá, AM – policial civil mata uma pessoa e fere outras duas ao confundí-las com assaltantes.

17/07 – São Paulo, SP – PM assassina homem dentro de boate, após este ter esbarrado na mulher do policial.

18/07 – Rio de Janeiro, RJ – sargento do BOPE é preso por violência contra mulher.

20/07 – Brasília, DF – vídeo mostra PMs em rodoviária atacando homem com puxões chute e joelhada no rosto.

31/07 – Salto do Lontra, PR – Dois irmãos desarmados são mortos "por engano" por policial, que depois forjou a cena do crime.

16/08 – Rio de Janeiro, RJ – PM

surta ao ver vereadora de esquerda fazer selfie dentro de barca, tenta derubar seu celular, saca sua arma e ameaça usá-la e confisca identidade profissional de jornalista e advogado. Quando ela advertiu a ele que “arma mata”, ele retrucou: “Ideologia mata mais.”

18/08 – Vitória, ES – ao ser impedido de entrar em boate, PM dá quatro tiros em segurança, hospitalizando-o e mata uma jovem de 19 anos com tiro no rosto.

19/08 – Recife, PE – policial agride duas mulheres que tentavam ajudar amiga que passava mal durante tumulto em jogo de futebol. “Isso é pra aprender a você respeitar um homem, sua puta”, disse o policial.

20/08 – Rio de Janeiro, RJ – sete homens e um adolescente, depois de presos, são levados para 1ª Divisão de Exército, onde são torturados, espancados com pedaços de madeira e chicoteados com fios elétricos.

24/08 – Alta Floresta, MT – policiais militares agredem homem com socos e pontapés até ele desmaiar.

28/08 – Fortaleza, CE – PMs aparecem em vídeo torturando homem imobilizado.

Rio de Janeiro, RJ – a partir de setembro, moradores de Mangueiros relatam assassinatos cometidos pela PM por tiros dados de cima de uma torre na Cidade da Polícia. Pelo menos cinco homens foram mortos quando não havia qualquer tipo de confronto ou enfrentamento.

05/09 – São Paulo, SP – dados da Ouvidoria da própria PM apontam 74% dos assassinatos cometidos pela polícia foram “uso excessivo de força”.

08/09 – Cuiabá, MT – policial civil empurra idoso de 91 anos, derrubando-o no chão dentro de banco.

09/09 – Curitiba, PR – Guarda Municipais atingem advogado que movia processo contra a GM com dois tiros de bala de borracha à queima-roupa.

11/09 – Salvador, BA – Guarda Muni-

cipal agride motoboy durante blits. Dois PMs também participavam da operação e não fizeram nada.

12/09 – Belo Horizonte, MG – vídeo mostra PM de pé se roçando em mulher sentada em vagão vazio do metrô.

12/09 – Caçapava do Sul, RS – após receberem denúncia de perturbação do sossego público, policiais militares invadem festa de aniversário, dando tiros de balas de borracha e deixando 11 pessoas feridas, algumas precisaram de atendimento médico.

14/09 – Brasília, DF – policial civil é preso por agredir sua esposa e ameaçar ela e mais duas testemunhas com arma.

14/09 – Rio Grande, RS – sargento da Brigada Militar é condenado por espancar homem até a morte. A agressão começou a golpes de rebenque, depois a vítima foi perseguida, atropelada e brutalmente agredida.

17/09 – Rio de Janeiro, RJ – policiais da UPP matam garçom depois de confundirem guarda-chuva com fuzil.

16/09 – Vitória, ES – vídeo mostra policial dando tapa no rosto de adolescente em discussão de trânsito.

24/09 – Fortaleza, CE – duas Guardas Municipais forçam idosa de 68 anos a se despir por suspeita de furto.

25/09 – São Luís, MA – delegado da Polícia Civil mata homem em festa de aniversário.

28/09 – Recife, PE – sargento da PM tenta matar sua ex-companheiro atirando três vezes contra ela.

29/09 – São Bento, MA – PM baleia jovem durante festejo.

03/10 – Fortaleza, CE – PMs dão tiros para o alto em uma praia para assustar as pessoas e em seguida xingam e agredem com tapas e chutes um grupo de jovens que permaneceu na areia. Um vendedor também foi atacado com spray de pimenta e golpes de cassetete, sua mulher que foi à sua defesa também foi agredida.

09/10 – São Paulo, SP – depois de torcer o braço e algemas uma mulher, dois

policiais apoiadores de Bolsonaro passam rasteira e a chutam enquanto está caída no chão. Quando chegou à delegacia, foi despida e jogada nua em uma cela. Só foi liberada depois que cedeu e disse: “Ele sim”, como pediam os policiais.

10/10 – Rio de Janeiro, RJ – moradores denunciam PMs invadindo casas sem mandado e incediando carros e imóveis.

16/10 – Colniza, MT – um delegado e dois policiais civis são presos por agredirem dois homens com tapas, socos e chutes e por torturarem um adolescente asfixiando-o com um saco plástico.

18/10 – Vila Velha, ES – Policial rodoviário federal embriagado saca arma em boate e ameaça frequentadores e flanelinhas e agride sua companheira.

18/10 – Rio de Janeiro, RJ – dois delegados e cinco agentes da Polícia Civil são presos por sequestro e roubo.

22/10 – Novo Acordo, TO – policial civil e outro militar são denunciados por torturar um garoto de 12 anos com sessões de afogamento, tapas e chutes.

26/10 – Belford Roxo, RJ – 15 PMs agredem moradores de condomínio em sessão de tortura que envolveu tapas no rosto, chutes e choques elétricos, queimaduras de segundo grau no pênis de um dos rapazes com uma prancha para fazer chapinha no cabelo, sufocamento com saco plástico e a introdução de um cabo de vassoura no ânus das vítimas.

27/10 – Bento Gonçalves, RS – moradores denunciam abusos da Brigada Militar: roubo, agressões físicas e psicológicas, invasão de apartamentos sem ordem judicial, revista de crianças sem justificativa, ameaças de morte, falsificação de provas e oferecimento de drogas a moradores em troca de informações.

28/10 – Salvador, BA – após resultado das eleições, PM dá cassetada na cabeça de menina de 19 anos que vestia camiseta vermelha.

28/10 – Salvador, BA – PM embriagado baleia quatro pessoas durante comemoração da vitória de Bolsonaro.

31/10 – Salvador, BA – dois PMs são afastados por abuso de autoridade, lesão corporal e intimidação de testemunhas, após terem agredido vítima em jogo de futebol a golpes de cassetete mesmo depois de caída no chão.

01/11 – São Paulo, SP – PM mata motorista de aplicativo com tiro na cabeça.

06/11 – Rio de Janeiro, RJ – operação policial ilegal na Maré deixa 8 pessoas feridas e cinco mortas, inclusive um professor de física.

07/11 – Goiânia, GO – MPF pede prisão de nove policiais por tortura homicídio e ocultação de cadáver de um rapaz de 22 anos que sofreu uma abordagem em agosto.

11/11 – São Luís Gonzaga, MA – PM atira em duas pessoas que dançavam com sua ex-namorada.

29/11 – Santa Quitéria, CE – inspetor de polícia é suspeito de tortura, violação é fraude.

01/12 – Cariacica, ES – PM é preso por tentar extorquir deputado eleito, exigindo R\$500 mil para não liberar vídeo comprometedor.

02/12 – Recife, PE – sargento da PM dispara contra seus dois filhos, matando um deles, quando eles tentavam separar uma briga entre seus pais.

05/12 – Curitiba, PR – advogado negro é agredido e ameaçado de morte.

06/12 – Guarapari, ES – dois policiais civis são condenados por organizar roubos, furtos e tráfico de drogas.

09/12 – Cariacica, ES – policiais militares espancam três adolescentes, um deles, de 15 anos, teve que ter seu baço removido.

12/12 – Porto Alegre, RS – depois de ameaçá-la e persegui-la, PM mata ex-companheira a tiros.

20/12 – Recife, PE – policial instiga tortura contra flanelinhas.

21/12 – São Paulo, SP – homem é agredido por PM ao tentar filmar ação

da polícia.

22/12 – Porto Velho, RO – Vídeo mostra mulher grávida sendo agredida e empurrada contra a calçada por dois policiais militares.

24/12 – Serra Sede, ES – Policial militar saca pistola e atira em mão de idoso que reclamava de som alto.

25/12 – Maceió, AL – Por barulho, subcomandante da PM bate em mulher que celebrava noivado,

27/12 – BA – Dois meses depois de ser detido e ameaçado pela polícia, Pedro H. Souza, ativista contra a violência policial, tem sua casa invadida e é executado.

27/12 – João Pessoa, PB – homem relata ter sofrido tortura por policiais militares para confessar crime.

27/12 – Porto Velho, RO – mulher recém operada teve que ser hospitalizada após ela e sua família serem alvo de ataque da polícia por suposto “som alto”.

Livros & Filmes



Livros



Calibã e a Bruxa, Silvia Federici (2004). Neste livro, a autora investiga o papel das mulheres durante o processo de transição do feudalismo para o capitalismo na Europa. Ela aponta que ao olhar a história pelo viés da produção, as análises marxistas deixaram de lado uma imensa população que havia sido empurrada para a reprodução do capital devido à reorganização do trabalho e ao cercamento das terras. Fatos cruciais nessa desvalorização foram as mudanças nas leis, a moral religiosa, a prostituição promovida pelos governos para criar divisão de classe e, de maneira aterradora e brutal, o extermínio de mulheres durante o período de caça às bruxas.



O Mito da Fragilidade, Colette Dowling (2001). O que aconteceu com o corpo das mulheres? Por toda parte e em diferentes períodos da história, temos exemplos de mulheres que fizeram coisas incríveis com seus corpos, seja como mães, atletas, trabalhadoras, etc. Colette Dowling investiga como se dá hoje a formação física e psicológica do corpo feminino e destaca que a domesticação e o retraimento, a delicadeza e a imobilidade, não são uma natureza da mulher, mas um mito.



Os Despossuídos, Ursula K. LeGuin. O professor Shevek cresceu em Anarres, um planeta onde não existe propriedade nem coersão. Depois de gerações de isolamento, Shevek faz uma visita a Urrás, a terra do proprietariado. As conversas e descobertas do professor geram nele uma curiosidade ambígua que oscilam-no, assim como a estrutura do romance, entre o seu passado na terra natal e o presente naquela sociedade desconhecida.



Da democracia à liberdade, Crimethinc (2016). Na primeira parte do livro, uma análise das características da democracia nos dá clareza sobre o mundo em que vivemos: aos cidadãos cabe o voto, os políticos ficam com as decisões, à polícia está reservada a aplicação forçada do que foi decidido, aos estrangeiros só resta a prisão, a bala ou a escravidão. Mais democracia não vai nos ajudar a sermos livres. Na segunda parte, relatos de pessoas em situações recentes, como Occupy Wall Street, movimentos das Praças (Plaza del Sol, Taksim, Syntagma, etc.), onde buscou-se uma forma mais avançada de democracia, aquela chamada "direta", o quão imobilizantes podem ser as assembleias e quão reféns as pessoas ficam quando o foco se fecha na estrutura e não na ação.



Anarquia Funciona, Peter Gelderloos. Através de mais de 60 exemplos de diferentes países e épocas, o autor busca demonstrar que as pessoas, anarquistas ou não, quando decidem viver sem o Estado elas encontram os meios e alcançam aquilo que desejam. Muito inspirador, o livro amplia nosso imaginário e nos faz lembrar que nosso sonho é possível.



Cercas e Janelas, Naomi Klein (2003). O livro é uma coletânea de artigos para jornal e palestras escritos pela autora durante o momento mais fértil do movimento alter-globalização. Da batalha de Seattle (EUA), passando pelo 11 de setembro de 2001, as fábricas tomadas na Argentina, até o movimento zapatista, Klein comenta e critica os primeiros passos da resistência global contra o capitalismo.



Sem Deus, sem Patrões (No Gods, No Masters). Trilogia que conta a história do movimento anarquista desde meados do século XIX até o final da Guerra Civil Espanhola. Disponível com legenda em português: colectivolibertarioevora.wordpress.com/

2018/05/22/video-com-legendas-em-portugues-sem-deuses-nem-mestres-uma-historia-do-anarquismo



Como Mudar o Mundo (How to Change the World). Este é um documentário sobre os primeiros anos do GreenPeace. Ele mostra como seus primeiros integrantes se juntaram, bolaram suas campanhas e atingiram vários resultados impressionantes. Não sem contradições, o filme é uma aula de estratégia.



SHE'S BEAUTIFUL WHEN SHE'S ANGRY

Ela Fica Linda Quando Está com Raiva (She's Beautiful When She's Angry). Trazendo depoimentos e reflexões amadurecidas, o documentário conta a história do movimento feminista estadunidense em meados dos anos 1970. Acadêmicas, legalistas sapas, negras, um grande e emocionante mosaico de pensamentos e ações que chacoalharam a sociedade gringa e influenciam até hoje as mulheres de todo o mundo.

Disponível em: hooktube.com/watch?v=DDynOT-3Wno



La Cecilia (1975). Ficção baseada na história real de um conjunto de anarquistas italianos que recebem de Dom Pedro II terras no Paraná e iniciam uma colônia. Cheio de dificuldades e alegrias, o grupo aos poucos vai se assentando no lugar: contróem casas, plantam, estudam e amam.

Norte dos territórios ocupados pelo Estado brasileiro – 1835 a 1840

Revolta dos cabanos

A revolta começou em 6 de janeiro de 1835 quando índios tapuias, escravos libertos e cabanos (moradores de casas de palha) tomaram de assalto o quartel e o palácio do governo de Belém, assassinando o governador e o Comandante das Armas. O movimento era heterogêneo e composto pelos cabanos, que desejavam terras para plantar e o fim do regime escravocrata, e por fazendeiros queriam ter o direito de escolher o presidente da província. Um fazendeiro, Clemente Malcher, assumiu a presidência, e logo traiu o movimento, demonstrando fidelidade a Portugal e reprimindo a revolta que o pôs no poder. Foi sucedido por Francisco Vinagre que também traiu a revolução e teve de ser substituído.

Mesmo com todo poderio militar do Estado brasileiro e com a traição de seus líderes, os cabanos resistiram por cinco anos, na sua luta contra a opressão e a desigualdade social. Só um verdadeiro massacre, que matou de 30 a 40% da população local conseguiu por um fim à revolta.



No dia 25 de janeiro de 2019, a barragem de Brumadinho (MG) rompeu-se espalhando 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração pela região. Em menos de uma semana, em torno de 40 mil pessoas foram afetadas, com 110 mortes confirmadas e 238 desaparecidos. Além disso, a Agência Nacional de Águas estima que a lama poderá afetar 300km de rios, podendo alcançar o rio São Francisco. (wikipedia.org)



Catástrofes como as de Mariana e Brumadinho nos enchem de indignação. Mas mascaram o fato de que mesmo quando desastres desse tipo não acontecem, o Desastre continua acontecendo. A destruição ambiental levada a cabo pela civilização está matando o planeta (e todas suas habitantes) de formas menos perceptíveis. A devastação de florestas e montanhas para a mineração, a poluição do ar, da terra e dos rios pelas indústrias, a lenta morte dos oceanos pela pesca

industrial e contaminação, a morte de zilhões de insetos e outros animais com os agrotóxicos usados para a agricultura, o campos de concentração aos quais condenamos milhões de aves, porcos, vacas e outras espécies usadas para nosso consumo... Tudo isso faz parte do mesmo Desastre, ao qual já nos acostumamos, e já não é mais notícia. Enquanto essas engrenagens continuarem girando, estaremos todas ameaçadas.



DEMOCRACIA É SINÔNIMO DE REPRESSÃO.

A democracia, qualquer democracia, sempre vai depender da polícia para impôr as decisões tomadas nas eleições, assembleias, plebiscitos ou qualquer outra forma de saber a vontade da maioria. A democracia nada mais é que outra forma de governo — e governar é controlar e para controlar os governos monitoram, manipulam, ameaçam, reprimem, prendem ou matam.

A forma de liberdade mais louvada na democracia é a liberdade de expressão, pois serve para legitimar a ideia de que podemos convencer o resto da população que as nossas ideias são as melhores e que são elas que deverão ser impostas sobre todo mundo.

Mas não queremos impôr nossas ideias sobre ninguém. Não queremos apenas liberdade de expressão. Queremos liberdade total. Para falar sim, mas principalmente para fazer o que queremos, para vivermos nossas vidas como acharmos melhor.

